

cinemateca

SETEMBRO 2024



**TERENCE DAVIES
MONIQUE RUTLER
A CINEMATECA COM O QUEER LISBOA: WILLIAM E. JONES
RAÚL RUIZ (PARTE III)
HISTÓRIAS DO CINEMA: JOHN FORD/TAG GALLAGHER
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?**

CINEMATECA JÚNIOR - SÁBADOS EM FAMÍLIA

Em setembro ainda é verão, mas a escola está aí. Junta-se a liberdade das férias, sem horários e obrigações, ao tempo da socialização. Setembro representa bem a condição da infância: o estado natureza a dançar com as muitas regras e saberes da sociedade: dois passos em frente, um atrás e por aí fora. O programa do mês tem muito a ver com essa dança e jogo de forças: a massa livre e informe da infância e o molde da cultura. Todos os filmes são protagonizados por crianças, e por uma criança grande, o “baby face” Harry Langdon, portanto não saímos do tema. Em parceria com o festival Operafest, começamos com O RAPAZ DOS CABELOS VERDES, um clássico dos anos 40 de Joseph Losey, que todos os pais deviam mostrar aos filhos e os avós aos netos. Uma história tocante, contada de forma original, e um manifesto antiguerra. Segue-se O MENINO SELVAGEM de François Truffaut, retrato dum rapaz real encontrado em estado selvagem numa floresta francesa no final do século XVIII e do sofrido processo de educação. Os miúdos da semana seguinte não são selvagens, mas são “miúdos à solta”. Falamos de BEPIE, uma miúda desconcertante, também real, retratada no documentário homónimo pelo vizinho Johan van der Keuken, e René, o miúdo imaginado por Jacques Rozier no filme O REGRESSO ÀS AULAS, que chega à escola a nado, pelo ribeiro que atravessa a aldeia. O último protagonista é a tal criança grande, Harry Langdon, que mantém intacta a candura e o desconcerto da infância. ATLETA À FORÇA é a primeira longa-metragem de Frank Capra, e o atleta involuntário é o lingrinhas Langdon, que nesta comédia da era do mudo acompanhada ao piano, atravessa a Primeira Guerra Mundial com uma fisga e gás de queijo. Na oficina do final do mês vamos fazer um exercício de imaginação através do som e das bandas sonoras dum conjunto de filmes, porque os sons também contam histórias. E já agora desafiamos a miudagem a descobrir QUANTAS HISTÓRIAS CABEM NO SOM dos filmes que vamos ver em setembro.

► Sábado [07] 15h00 | Sala M. Félix Ribeiro

THE BOY WITH GREEN HAIR

O Rapaz dos Cabelos Verdes

de Joseph Losey

com Pat O'Brien, Robert Ryan, Barbara Hale

Estados Unidos, 1948 – 82 min

legendado eletronicamente em português | M/6

Peter é um rapaz que ficou órfão durante a guerra. Muda de casa várias vezes empurrado de uns parentes para outros. Acaba então por ir viver com Gramp onde encontra amizade e um lar estável, até que um dia repara que está diferente e que o seu aspecto físico tem agora algo que o distingue fortemente das outras pessoas. Peter passa então a ser discriminado por todos até descobrir que afinal aquilo que lhe acontecera traz uma importante mensagem ao mundo... Este filme antibélico, extremamente original e com uma estética invulgar, é uma obra a não perder. Esta sessão foi organizada em parceria com o festival Operafest Lisboa & Oeiras.

► Sábado [14] 15h00 | Sala M. Félix Ribeiro

L'ENFANT SAUVAGE

O Menino Selvagem

de François Truffaut

com François Truffaut, Jean-Pierre Cargol, Jean Dasté

França, 1969 – 83 min / legendado eletronicamente em português | M/12

(público-alvo: a partir dos 10 anos)

Situado por volta de 1800, com argumento de Truffaut e Jean Gruault a partir do relatório de Jean Itard *Mémoires et Rapport sur Victor de l'Aveyron*, o filme é baseado num facto real: um rapaz selvagem que não sabe andar, falar, ler ou escrever, é encontrado numa floresta. Um professor, interpretado pelo próprio Truffaut, recusa-se a considerá-lo um caso perdido e decide educá-lo, fazê-lo passar do estado selvagem ao estado humano, vencer o estado natural pelo esforço. Depois de fugir, o rapaz

acabará por voltar para o seu pai espiritual. Filmado a preto e branco, o filme assinala a primeira colaboração entre Truffaut e o diretor de fotografia Nestor Almendros, que, a partir de então, será um dos seus colaboradores mais próximos.

► Sábado [21] 15h00 | Sala M. Félix Ribeiro

SESSÃO CURTAS: MIÚDOS À SOLTA

BEPIE

de Johan van der Keuken

Holanda, 1965 – 38 min

RENTRÉE DES CLASSES

“Retorno às Aulas”

de Jacques Rozier

com René Boglio, Marius Sumian

França, 1955 – 24 min

duração total da projeção: 62 min

legendados eletronicamente em português | M/6

Duas curtas-metragens sobre “miúdos à solta”. Beppie uma rapariga de dez anos, vizinha do cineasta van der Keuken, que este acompanha nos seus movimentos quotidianos e aventuras pela cidade de Amesterdão, e René um rapaz numa aldeia da Provença, personagem ficcional de Jacques Rozier, que a partir duma aposta infeliz transforma o regresso às aulas numa aventura poética e numa festa para os sentidos. Liberdade, fantasia e irreverência são o lema destes dois filmes feitos “à altura da criança”.

Sessão Descontraída

A sessão decorre numa atmosfera mais acolhedora, com regras mais flexíveis no que diz respeito ao movimento e ao ruído dos espectadores, e pode implicar pequenos ajustes na iluminação e no som, bem como no acolhimento do público, para melhor se adaptar às suas necessidades. Com a consultoria da associação Acesso Cultura.

OFICINA

► Sábado [28] 11h00 | Sala de leitura da Biblioteca

QUANTAS HISTÓRIAS CABEM NO SOM?

Conceção e orientação: Maria Remédio

duração: 2 horas

para crianças dos 5 aos 8 anos

Preço: 4€ por criança

Marcação prévia até 23 de setembro

para cinemateca.junior@cinemateca.pt

Vamos fechar os olhos e descobrir os sons do cinema. O som leva-nos de viagem e abre caminhos para novas histórias. Que sons cabem numa folha de papel? E quantas novas histórias cabem num filme? Vamos transformar sons em imagens, juntar novos desenhos e descobrir se formam uma nova história!

► Sábado [28] 15h00 | Sala M. Félix Ribeiro

THE STRONG MAN

Atleta à Força

de Frank Capra

com Harry Langdon, Priscilla Bonner, Gertrude Astor

Estados Unidos, 1926 – 75 min

legendado eletronicamente em português | M/6

SESSÃO ACOMPANHADA AO PIANO POR CATHERINE MORISSEAU

Primeira longa-metragem de Frank Capra, THE STRONG MAN é protagonizada por Harry Langdon, considerado por muitos a quarta estrela do firmamento das grandes vedetas do cinema americano de comédia do tempo do mudo (os outros três eram Chaplin, Keaton e Harold Lloyd). Langdon é aqui um ingénuo e desastrado soldado belga que em plena Primeira Guerra Mundial se perde de amores por Mary Brown, uma rapariga americana que só conhece por carta e fotografia.

ÍNDICE

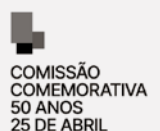
CINEMATECA JÚNIOR	02
TERENCE DAVIES, O CANTOR DA MEMÓRIA	03
MONIQUE RUTLER – “ISTO VAI MUDAR!”	06
A CINEMATECA COM O QUEER LISBOA: WILLIAM E. JONES	09
RAÚL RUIZ – A IMAGEM ESTILHAÇADA (PARTE III)	11
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?	13
CINE-ÓPERA	15
A CINEMATECA COM OS ESCONTROS DE CINEMA DO FUNDÃO	16
HISTÓRIAS DO CINEMA: JOHN FORD/TAG GALLAGHER	16
NOS 30 ANOS DA COMISSÃO NACIONAL DE PROTEÇÃO DE DADOS	17
ELAS FAZEM FILMES	18
ANTE-ESTREIA	18
COM A LINHA DE SOMBRA	18
CALENDÁRIO	19/20

► CAPA **THE NEON BIBLE** de Terence Davies

[Reino Unido, 1995]

AGRADECIMENTOS

Monique Rutler, Edgar Feldman, Leonor Teles, Luís Filipe Rocha, Miguel Ildelfonso, Miguel Gomes, Paulo Carneiro, Mariana Liz, Fernando Filipe, Marina Bairrão Ruivo, Fernando Matos Silva, Maria Antónia Palla, Ana Isabel Soares, Rod Rhule (British Film Institute), Luciano Castillo Rodríguez (ICAIC – Havana), Amélie Galli (Centre Pompidou), Mathieu Grimault (Cinémathèque Française), Michal Brezovský (Národní Filmový Archiv), Nicolas Damon (Cinémathèque de Toulouse), Markus Wessolowski (DFF – Deutsches Filminstitut & Filmmuseum e.V.), Marianne Jerris (Det Danske Filminstitut / Danish Film Institute), Olivia Buning (Eye Filmmuseum), Michiel Philippaerts (Film Fest Gent), Esther Lucas (Filmoteca Española), Angela Colucci (Fondazione Teatro della Toscana), Nathanaël Arnould (INA), Anaïs Desrieux (Institut Lumière), Hugo Aragão Correia (RTP), Fernando Carrilho (Videoteca – Câmara Municipal de Lisboa), Noshka van der Lely.



Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, I.P.
Rua Barata Salgueiro, 39 – 1269-059 Lisboa, Portugal
Tel. 213 596 200 | cinemateca@cinemateca.pt
www.cinemateca.pt

TERENCE DAVIES, O CANTOR DA MEMÓRIA



O desejo de organizar uma retrospectiva da obra de Terence Davies vinha já de longe e a vontade era que o realizador pudesse participar nesse momento de homenagem. Infelizmente, Terence Davies foi diagnosticado com um cancro no início de 2023, tendo falecido poucos meses depois, aos 77 anos. Assim, esta não é tanto uma retrospectiva “In Memoriam”, é antes uma retrospectiva feita apesar – e “a pesar” – da sua morte.

Filho mais novo de uma grande família católica e de classe trabalhadora da zona de Liverpool, Terence Davies podia nunca ter chegado a fazer cinema. Nascido meses depois do armistício, em 1945, Davies ficaria órfão de pai aos sete anos. Apesar das dificuldades económicas do pós-Guerra, dos comportamentos abusivos do pai e do contexto repressivo de Kensington, foram as matinés de fim de semana que transformaram o imaginário do pequeno Terence. Ele e as suas irmãs mais velhas não faltavam a qualquer das sessões com musicais americanos que se estreavam nas salas das redondezas (especialmente aqueles com Doris Day). Assim o cinema foi-se imiscuindo no dia-a-dia salobro daquela comunidade pobre, conservadora e cinzenta (palavras do próprio). Não concluindo o ensino secundário, Davies vê-se obrigado a trabalhar como escriturário numa empresa portuária de Liverpool, como contabilista sem formação. Passa aí uma década da sua vida, até que, no princípio da década de 1970, já quase a chegar aos 30, decide mudar de vida. Com as suas poupanças inscreve-se numa escola de teatro próxima (a Coventry Drama School) com o intuito de se tornar ator – já que vinha participando num grupo de teatro amador desde o final da década de 1960 – mas é aí que, no âmbito de um exercício pedagógico, escreve o argumento do que viria a ser a sua primeira curta-metragem, o filme CHILDREN, baseado nas suas memórias de infância (a violência doméstica, a morte do pai, a escola católica, o *bullying*). Com esse guião consegue uma bolsa da BFI Production Board para jovens cineastas que lhe permite não só realizar o filme como lhe abre a porta para a National Film School, onde estuda cinema e acaba por realizar – como filme de formatura – a continuação dessa primeira curta, MADONNA AND CHILD. Aqui Davies regressa à personagem de Robert Tucker, o seu *alter ego*, agora na meia-idade, preso entre a devoção à mãe e a latência recalcada do seu desejo homossexual. Três anos depois, o realizador encerra a TRILOGY com a curta DEATH AND TRANSFIGURATION, na qual imagina a personagem de Robert Tucker já idoso, à beira da morte, recordando os vários momentos da sua vida. Esta primeira trilogia define os contornos, as preocupações e as recorrências de uma obra singular no contexto do cinema inglês – Jean-Luc Godard afirmou (a propósito de DISTANT VOICES, STILL LIVES) que Terence Davies era o único cineasta inglês que lhe interessava. De facto, Davies foi um dos poucos realizadores britânicos a afirmar-se enquanto *auteur* e o seu cinema é de uma unidade absoluta. As questões da memória atravessam cada um dos seus filmes, já que todos os seus filmes são retratos de época (cujas histórias decorrem entre o fim do século XIX e meados do século XX). A estas juntam-se os sempiternos temas da religião, do conservadorismo, do desejo proibido (a homossexualidade ou as relações extraconjugais no contexto de classes puritanas) e dos traumas da guerra e da violência doméstica (os pais abusadores reaparecem em vários filmes e os fantasmas das trincheiras ressurgem em títulos como SUNSET SONG e BENEDICTION).

Mais do que as recorrências temáticas, há também as recorrências formais: o cinema de Terence Davies é composto na total elegância minimalista, nos lânguidos movimentos de câmara, na estase dos olhares, na contemplação das paisagens e na pujança de uma narração esparsa e fragmentária. A isso, junta-se uma dedicação aos atores e ao trabalho em torno da escrita e desenvolvimento de personagens (não esqueçamos que Davies quis ser ator e dirigiu peças de teatro radiofónico), que se revela na subtilidade dos seus protagonistas, atravessados por dilemas surdos, melancolias do olhar, dores inomináveis e vontades indizíveis. A isto junta-se o trabalho sistemático em torno da autoficção, numa primeira fase, e em torno dos pressupostos da adaptação literária (que Davies trabalha com renovado fulgor).

Embora curta, a filmografia de Terence Davies organiza-se sequencialmente em conjuntos de três: considerando a TRILOGIA como uma longa-metragem, esta liga-se aos dois filmes seguintes, DISTANT VOICES, STILL LIVES e THE LONG DAY CLOSES compondo uma “trilogia” autobiográfica (focada essencialmente em torno das suas memórias de infância e juventude); depois desta, surgem três retratos de mulheres em pontos de rutura – THE HOUSE OF MIRTH, THE DEEP BLUE SEA e SUNSET SONG – e depois destes, três retratos de poetas – A QUIET PASSION (sobre Emily Dickinson), BENEDICTION (sobre Siegfried Sassoon) e as curtas-metragens BUT WHY?, PASSING TIME e HOME! HOME! (todas em torno de poemas escritos pelo próprio Davies – ele que escrevia regularmente poesia desde a década de 1980, sendo que a mesma permanece quase invisível). Entre estes três núcleos de “três” encontram-se dois filmes de ligação: THE NEON BIBLE, filme que se aproxima às grandes personagens femininas do segundo núcleo (através da extraordinária Gena Rowlands) ainda pelo olhar juvenil de um rapaz tímido; e OF TIME AND THE CITY, o seu único documentário, que preenche o interregno de onze anos em que o realizador não conseguiu financiamento para vários dos seus projetos.

Nesta retrospectiva apresenta-se a integralidade da obra do realizador (catorze títulos, cinco curtas e nove longas), juntando-se-lhe ainda dois títulos extra: o filme póstumo que Davies delineou, mas que foi finalizado pelo seu assistente (a curta-metragem HOME! HOME!, um “autorretrato” encomendado pelo Centre Pompidou que lhe dedicou uma retrospectiva no passado mês de março), e aquele que era o seu filme preferido, aquele que mais vezes citou, aquele cujas canções conhecia de cor (e cantava às escondidas): YOUNG AT HEART, protagonizado por... Doris Day – naturalmente!



CHILDREN

- ▶ Segunda-feira [02] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Sexta-feira [06] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

THE LONG DAY CLOSES

Aqueles Longos Dias

de Terence Davies

com Leigh McCormack, Marjorie Yates, Anthony Watson

Reino Unido, 1992 – 82 min

legendado eletronicamente em português | M/12

THE LONG DAY CLOSES, filme de claras ressonâncias autobiográficas (como muito do cinema do realizador), é também o seu filme de maior exposição, aquele onde o cineasta nos dá acesso à matriz do seu olhar, à sua formação cinéfila e à sua desmesurada paixão pelo cinema musical de Hollywood, em particular, a sua desmesurada paixão por Doris Day. Realizado logo após DISTANT VOICES, STILL LIVES, o filme prossegue o retrato da sua infância na Liverpool dos anos do pós-Guerra: a vida em família, os rituais e tradições, as alegrias e também as tragédias. O cinzentismo britânico (o catolicismo, o bullying, o sistema de ensino) é transfigurado pelo olhar maravilhado de uma criança que descobre as imagens dos filmes americanos e as melodias que deles emanam. Uma viagem pela memória e pelas fantasias da memória.

- ▶ Terça-feira [03] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Terça-feira [10] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

DISTANT VOICES, STILL LIVES

Vozes Distantes, Vidas Suspensas

de Terence Davies

com Freda Bowie, Peter Postlethwaite, Angela Walsh, Diane McBain

Estados Unidos, 1988 – 84 min

legendado eletronicamente em português | M/12

Terence Davies revelou-se na longa-metragem com DISTANT VOICES, STILL LIVES, uma estreia que lhe daria, desde logo, o Prémio da Crítica no Festival de Cannes e no Festival de Toronto e o Leopardo de Ouro em Locarno. Uma deslumbrante sucessão de “vinhetas”, com os seus planos fixos e lentos movimentos de câmara, que parecem deslizar ao som da música que lhes serve de fundo. Uma aliança perfeita de imagem e som, que é também um fabuloso exercício de memória inspirado que é nas recordações de infância do realizador, nos anos 50. Um retrato mundano e operático da vida de uma família de classe trabalhadora da zona de Liverpool, onde uma série de personagens vivem atormentadas pela figura de um pai violento. Intimidade e beleza, amor e luto, tudo aquilo que viria a definir o cinema de Terence Davies. O filme é apresentado em nova cópia digital restaurada.

- ▶ Quarta-feira [04] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

THE TERENCE DAVIES TRILOGY CHILDREN – MADONNA AND CHILD – DEATH AND TRANSFIGURATION

de Terence Davies

com Phillip Mawdsley, Nick Stringer, Valerie Lilley

Reino Unido, 1976-1983 – 101 min

legendado eletronicamente em português | M/12

A personagem de Robert Tucker percorre as três primeiras curtas-metragens realizadas por Terence Davies – um claro *alter ego* do realizador. Desenvolvida ao longo de quase uma década, a trilogia apresenta Tucker na infância (CHILDREN), descrevendo as suas dificuldades de integração no ambiente escolar e a perda do pai, regressa a ele na meia-idade (MADONNA AND CHILD), entre o recalque da sua homossexualidade e a relação de dependência com a mãe e a fé católica, e, na terceira e última curta (DEATH AND TRANSFIGURATION), imagina a sua própria morte. Cada um destes três filmes constitui o processo de aprendizagem do próprio Terence Davies, que escreveu o primeiro filme na Coventry Drama School e realizou o segundo na National Film School – recorde-se que Davies trabalhou como contabilista durante mais de uma década e que só perto dos 30 anos decidiu estudar cinema. Os filmes da trilogia são apresentados pela primeira vez na Cinemateca.

- ▶ Quinta-feira [05] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Sexta-feira [13] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

YOUNG AT HEART

Apaixonadas

de Gordon Douglas

com Doris Day, Frank Sinatra, Gig Young

Estados Unidos, 1954 – 117 min

legendado eletronicamente em português | M/12

Terence Davies adorava Doris Day. Talvez o mais certo seja dizer, idolatrava-a! “Ela corporiza a própria ideia de perfeição”. E tudo porque, quando tinha apenas 11 anos, entrou numa sala de cinema e viu YOUNG AT HEART – o musical onde, pela primeira vez, Doris Day contracenou com Frank Sinatra. De facto, este é um filme obsessivo para Davies: uma das suas canções aparece em THE LONG DAY CLOSES, o realizador refere-o em OF TIME AND THE CITY e, em entrevista, explicou que o filme influenciou (subconscientemente) THE DEEP BLUE SEA. Na última edição da sondagem da revista *Sight and Sound*, entre os dez melhores filmes de sempre escolhidos pelo realizador encontra-se YOUNG AT HEART, seguido da justificação “Porque tem a Doris Day!”. Primeira apresentação na Cinemateca. A exibir em cópia digital.

- ▶ Quinta-feira [05] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Quarta-feira [11] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

THE NEON BIBLE

A Bíblia de Neon

de Terence Davies

com Gena Rowlands, Diana Scarwid, Denis Leary, Jacob Tierney, Drake Bell

Reino Unido, 1995 – 92 min / legendado em português | M/12

A terceira longa-metragem da Terence Davies marca uma mudança de paradigma no seu percurso: afasta-se do registo estritamente autobiográfico, lança-se, pela primeira vez, na adaptação de uma obra literária preexistente (algo que marcará muita da sua produção subsequente) e, por fim, entrega-se ao retrato histórico dos EUA (algo que será outra das suas posteriores recorrências). No entanto, Davies continua a filmar a personagem de um adolescente tímido entre uma mãe desequilibrada (Diana Scarwid) e um pai violento (Denis Leary). Eis senão quando aparece a desarmante e desconcertante Gena Rowlands para soltar o imaginário evangélico daquela pequena povoação rural. Um dos filmes mais ambiciosos do realizador, onde o poder do artifício se alia à elegância dos gestos. Primeira apresentação na Cinemateca.

- ▶ Sexta-feira [06] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Sexta-feira [13] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

THE HOUSE OF MIRTH

A Casa da Felicidade

de Terence Davies

com Gillian Anderson, Dan Aykroyd, Eleanor Bron

Reino Unido, Estados Unidos, 2000 – 140 min

legendado em português | M/12

Adaptação do romance homónimo de Edith Wharton (a escritora de *A Idade da Inocência*, *O Filho de Duas Mães* ou *Corações na Penumbra*), THE HOUSE OF MIRTH é o segundo filme “americano” de Terence Davies, um retrato da burguesia nova-iorquina no início do século XX, em toda a sua hipocrisia moralista. Naquele que é, possivelmente, o grande papel da sua carreira, Gillian Anderson (a atriz que para sempre associaremos à série *Ficheiros Secretos*) dá corpo a esta história de “amores



THE HOUSE OF MIRTH

frustrados” onde, como Oliveira fez com Fanny Owen, Davies também “produz um anjo na plenitude do martírio”.

► Sábado [07] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

THE DEEP BLUE SEA

O Profundo Mar Azul

de Terence Davies

com Rachel Weisz, Tom Hiddleston, Ann Mitchell

Reino Unido, Estados Unidos, 2011 – 98 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Após um interregno de onze anos (que o realizador preencheu com peças de teatro radiofónico e com o documentário OF TIME AND THE CITY), Terence Davies regressa com um filme que, em certa medida, pega “onde tinha deixado”. Depois de Gillian Anderson, Terence Davies encontra-se com a atriz Rachel Weisz para aquele que é o seu segundo “woman’s film”: outra adaptação literária (desta feita da peça de Terence Rattigan) e outra história de uma mulher dividida entre a paixão e os espartilhos da sociedade. Lady Hester, “bem casada”, apaixona-se por um piloto da força aérea britânica (Tom Hiddleston) e isso coloca-a em rota de colisão com o regime conservador da Inglaterra dos anos 1950. Um dos filmes mais românticos de Terence Davies e, também, um dos mais claustrofóbicos, onde o amor e o desejo se transformam em melancolia e desespero. Produzido no período de transição para o cinema de projeção digital, o filme foi rodado em película 35mm e finalizado nos dois suportes. Será apresentado pela primeira vez na Cinemateca, em versão digital.

► Segunda-feira [09] 18h30 | Sala M. Félix Ribeiro

SUNSET SONG

de Terence Davies

com Agyness Deyn, Peter Mullan, Kevin Guthrie

Reino Unido, Luxemburgo, 2015 – 136 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Terence Davies desejava ter adaptado o romance homónimo do escritor escocês Lewis Grassie Gibbon logo após THE HOUSE OF MIRTH, em 2000, no entanto, por dificuldades de financiamento o projeto ficou em suspenso. Com a transição para o cinema digital, o realizador encontrou condições para retomar o projeto, quinze anos depois. Aqui encontram-se muitos dos ingredientes típicos do cinema de Davies: uma jovem rapariga cheia de ambições, o luto da mãe, um pai castrador, uma comunidade religiosa opressiva e um marido traumatizado pelos horrores das trincheiras (desta feita, a Primeira Grande Guerra). Pelo tempo de gestação, pela dimensão geracional do romance e pela própria entrega do realizador aos atores (Agyness Deyn e Peter Mullan são fenomenais) e à paisagem (Escócia), por tudo isso, SUNSET SONG é a obra-prima de Davies, o filme sem o qual a sua filmografia não estaria completa. Depois de THE DEEP BLUE SEA, que estreara em Portugal com dois anos de atraso, nenhum outro filme de Terence Davies voltou a ter distribuição comercial no nosso país. SUNSET SONG é apresentado pela primeira vez na Cinemateca, e pela primeira vez em Portugal.

► Terça-feira [10] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

BUT WHY?

de Terence Davies

com Richard Goulding, Peter Capaldi, Terence Davies (voz)

Reino Unido, Áustria, 2021 – 1 min

BENEDICTION

de Terence Davies

com Richard Goulding, Jack Lowden, Peter Capaldi, Simon Russell-Beale, Jeremy Irvine, Geraldine James

Reino Unido, 2021 – 137 min

duração total da projeção: 138 min
legendados eletronicamente em português | M/12

Desafiado pela Viennale a realizar o *trailer* da edição de 2021, Terence Davies entregou BUT WHY?, um filme que estabelece um diálogo direto com a longa-metragem que o realizador havia estreado nesse mesmo ano, BENEDICTION, sobre o poeta Siegfried Sassoon. Na curta o realizador recupera os dois atores principais da longa (Richard Goulding e Peter Capaldi) e um dos *décors*, juntando-lhes a sua própria voz, em *off*, melancólica e meditativa. Igualmente, BENEDICTION prossegue o trabalho de Davies em torno da literatura e, em particular, é a sua



THE DEEP BLUE SEA

segunda biografia de um escritor (depois de retratar Emily Dickinson em A QUIET PASSION). Caso a morte não o tivesse levado tão cedo, Davies teria completado uma trilogia de retratos de escritores, com um filme sobre Noël Coward intitulado FIREFLY. BENEDICTION é também o regresso de Davies às questões da homossexualidade (que não abordava desde os seus primeiros filmes de pendor autobiográfico), desta feita entretecidas com os traumas da Primeira Grande Guerra. Os dois filmes são apresentados pela primeira vez na Cinemateca (e pela primeira vez em Portugal), em cópias nativas digitais.

► Quarta-feira [11] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

PASSING TIME

de Terence Davies

com narração de Terence Davies

Bélgica, Reino Unido, 2023 – 3 min

A QUIET PASSION

de Terence Davies

com Cynthia Nixon, Emma Bell, Sara Vertongen, Rose Williams

Reino Unido, Bélgica, 2016 – 124 min

duração total da projeção: 127 min
legendados eletronicamente em português | M/12

Nesta sessão foca-se a relação muito particular de Terence Davies com a escrita e, em particular, com a poesia. Além de realizador, Davies dedicou-se com bastante determinação à escrita: publicou um romance (*Hallelujah Now*, em 1984), escreveu poesia que foi sendo publicada de forma dispersa ao longo dos anos e iniciou uma autobiografia que deixou incompleta. PASSING TIME é um pequeno filme de plano único no qual podemos ouvir, pela voz do próprio, um dos seus poemas. Já A QUIET PASSION é o filme biográfico que o realizador dedica a uma das suas heroínas, a poetisa americana Emily Dickinson

(interpretada por Cynthia Nixon). De novo a história de uma mulher que se rebela contra uma sociedade conservadora e religiosa, desta feita a favor do seu ofício: a poesia. Os dois filmes são apresentados pela primeira vez na Cinemateca (e pela primeira vez em Portugal).

► Quinta-feira [12] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

HOME! HOME!

de James Dowling (filme póstumo, escrito por Terence Davies)

Reino Unido, França, 2024 – 16 min

OF TIME AND THE CITY

de Terence Davies

com narração de Terence Davies

Reino Unido, 2008 – 74 min

duração total da projeção: 90 min
legendados eletronicamente em português | M/12

Desafiado a realizar um autorretrato no âmbito da série *Où en êtes-vous*, a propósito da retrospectiva que o Centre Pompidou lhe preparava, Terence Davies preparou o filme HOME! HOME! a partir de uma compilação de poemas seus escritos ao longo das últimas décadas. Devido a uma doença súbita que lhe tirou a vida, o filme acabou por ser realizado pelo seu assistente pessoal, James Dowling, segundo as suas instruções. Também OF TIME AND THE CITY é um autorretrato fílmico onde o pessoal e o público se entrelaçam na trama urbana de Liverpool. Composto integralmente de imagens de arquivo e contando com a narração do próprio Davies, este é um filme de celebração e elegia daquela que foi a cidade onde o realizador cresceu e trabalhou até aos 28 anos (e da qual teve de sair para poder prosseguir a sua carreira no cinema). O único “documentário” (o termo correto será “filme-ensaio”) de Terence Davies e talvez um dos seus filmes mais tocantes.



A QUIET PASSION

MONIQUE RUTLER – “ISTO VAI MUDAR!”



Nascida na Alsácia, em 1941, Monique Rutler veio viver para Portugal em criança. Embora tenha vivido em Paris durante a segunda metade da década de 1960, fez a sua carreira no cinema em Portugal, logo a partir de 1971. Trabalhou como montadora durante quase vinte anos, em filmes de Manoel de Oliveira, José Fonseca e Costa, Fernando Matos Silva, António de Macedo ou José Nascimento. Enquanto realizadora assinou uma obra curta, mas que revela o seu incessante envolvimento em causas sociais e políticas, dando particular atenção aos dramas da condição feminina (alguns dos seus filmes são sátiras ao machismo ou denúncias do sistema patriarcal), às fragilidades da terceira idade ou às potencialidades transformadoras do ensino.

Monique Rutler integra a geração de cineastas portuguesas que se afirmaram na década de 1970, onde se incluem Solveig Nordlund, Noémia Delgado, Ana Hatherly, Margarida Cordeiro e Margarida Gil. No entanto, ao contrário das três primeiras, que estudaram em Paris ou Londres com bolsas de estudo, ou das últimas, que descobriram a realização através da prática, Monique Rutler foi uma pioneira do ensino do cinema em Portugal. Foi aluna da primeira turma do Curso de Cinema do Instituto das Novas Profissões, em 1970/71, e foi aluna da primeira turma da dita Escola Piloto para a Formação de Profissionais de Cinema do Conservatório Nacional (futuro Conservatório de Cinema, atual Escola Superior de Teatro e Cinema), em 1972/73.

Nesse sentido, o seu percurso é concomitante com a transformação que se produziu nas últimas cinco décadas no que respeita ao contexto da produção de cinema, onde se passou, progressivamente, a uma profissionalização e aperfeiçoamento técnicos. Mais que isso, Monique Rutler corporiza o modo como o ensino permitiu um renovado e mais plural acesso ao meio cinematográfico português, até então ainda muito encerrado sobre os seus sistemas de convívio autocentrados.

Claro que, mais do que o seu percurso pela Escola de Cinema, foi o seu envolvimento ativo na Revolução de Abril que possibilitou uma total integração no contexto do cinema militante do PREC. Em particular, é a Monique Rutler (juntamente com Fernando Matos Silva) que se deve a montagem de *AS ARMAS E O POVO*, cuja forma final demorou mais de três anos a atingir.

Esteve envolvida em duas das mais dinâmicas cooperativas do período revolucionário e pós-revolucionário, a Cinequipa e a Cinequanon, tendo montado e realizado dezenas de filmes e programas televisivos de cariz político. Foi o sangue-frio da realizadora que garantiu a completude de *O ABORTO NÃO É UM CRIME*, filme que geraria uma das mais acasas polémicas nacionais, em 1976, e que levaria a jornalista Maria Antónia Palla ao banco dos réus. Polémica essa que foi a rampa de lançamento para a campanha que levaria à realização do primeiro referendo sobre a despenalização da interrupção voluntária da gravidez.

Além de uma vasta produção televisiva, realizada entre o final dos anos 1970 e o início dos anos 1980 (de que a presente retrospectiva apresenta alguns títulos selecionados), Monique Rutler assinou três longas-metragens que tiveram distribuição comercial nas salas portuguesas. A primeira delas, um filme produzido com um orçamento mínimo em película de 16mm e em modo guerrilha, *VELHOS SÃO OS TRAJOS*. Obra inclassificável, algures entre o filme de denúncia, o levantamento sociológico e o cinema direto, mas com uma dimensão de fábula romântica e de sátira cruel – “uma obra de pesquisa sociológica e de invenção poética” (David Mourão-Ferreira).

Depois deste, a realizadora prossegue o esboço dos géneros cinematográficos, com *JOGO DE MÃO*, o mais internacional dos seus filmes, apresentado na seleção oficial do Festival de Veneza (e aplaudido por Nagisa Oshima, júri dessa edição do certame). Composto por cinco histórias entrecruzadas, o filme faz um levantamento dos vários tipos de “machos lusitanos”, escarnecendo – um a um – da sua pequenez. Como escreveu Maria Teresa Horta, a propósito de *JOGO DE MÃO*, “um filme de uma mulher inteligente que questiona. Se questiona. Dentro de uma sociedade sexista, que ela denuncia muitas vezes através da ironia, do humor. Mas sempre: implacavelmente.”

Por fim, já na década de 1990, Monique Rutler realiza a sua última longa-metragem de ficção, *SOLO DE VIOLINO*, sobre a história verídica de Adelaide Coelho da Cunha, a infame dona do *Diário de Notícias* que o marido tentou aprisionar num manicómio (com o apoio das sumidades médicas da época, Egas Moniz e Júlio de Matos) para esconder a ignomínia de que ela o havia trocado pelo chofer – para isso, e para se apoderar da sua cobiçada herança. Paulo Rocha muito elogiou este filme como um “poderoso melodrama populista” onde Monique Rutler “quebra distraidamente a loiça da família lusa, sem cuidar de bom gosto e de bom senso.”

Ao longo da segunda metade de setembro apresenta-se a sua filmografia em seis sessões, a que se acrescenta uma sessão dedicada ao seu trabalho como montadora (onde se apresenta *FRANCISCA*, de Manoel de Oliveira) e sete sessões que constituem uma “carta branca virtual”, onde se apresentam 11 filmes de 11 realizadoras destacadas por Monique Rutler. O Ciclo é acompanhado pela publicação do catálogo *Monique Rutler – “Isto Vai Mudar!”*, onde se propõe uma reavaliação da obra da realizadora através de ensaios originais e novas entrevistas (Ana Isabel Soares, Ricardo Vieira Lisboa, Maria Antónia Palla), da republicação de textos preexistentes (Natália Correia, Maria Teresa Horta, Luís Miguel Oliveira, Maria João Madeira, entre outros), da publicação de textos inéditos (Paulo Rocha, David Mourão-Ferreira e vários ensaios da própria Monique Rutler) e de um vasto número de testemunhos de diversos colaboradores (São José Lapa, André Gago, Mário Barroso, Luís Cília, Fernando e João Matos Silva, José Nascimento, Philippe Constantini, Filipe La Féria, Castro Guedes).

► Segunda-feira [16] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
CINEMAGAZINE N° 13, 40, 51 [EXCERTOS]

de Fernando Matos Silva
Portugal, 1989-90 – 9 min

SOLO DE VIOLINO

de Monique Rutler
com Fernanda Lapa, André Gago, Vítor Santos
Portugal, Brasil, 1990 – 100 min
duração total da projeção: 109 min | M/12

COM A PRESENÇA DE MONIQUE RUTLER

Antes de Mário Barroso ter feito *ORDEM MORAL*, antes de Agustina Bessa-Luís ter escrito *Doidos e Amantes*, foi Monique Rutler (com os coargumentistas Gonsalves Preto e Cesário Borga) que escavaram a infame história de Adelaide Coelho da Cunha. Filha do fundador do *Diário de Notícias*, Adelaide teve a ousadia de – em 1918 – deixar o marido e o filho por um homem mais novo, ainda para mais um “subalterno”, o seu *chauffeur*. Para manter a honra da família, o marido (e então diretor do referido jornal) fez de tudo para declarar a sua mulher louca (arranjando pareceres das grandes sumidades da época, Egas Moniz e Júlio de Matos). Adelaide não se calou nem se rendeu e o escândalo rebentou nos jornais. A partir dos muitos artigos, folhetins, brochuras e livretes que foram publicados nesse início de século, Monique Rutler constrói um filme de época feminista, protagonizado magistralmente por Fernanda Lapa. *SOLO DE VIOLINO* é o mais ambicioso dos filmes de Monique Rutler, aquele que melhor expõe o seu posicionamento político e aquele de que a realizadora mais se orgulha. A abrir a sessão apresentam-se excertos de três episódios do programa *Cinemazine* onde se acompanha o projeto na fase de escrita, rotação e pós-produção.

► Terça-feira [17] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

O ABORTO NÃO É UM CRIME

de Cinequipa
com Maria Antónia Palla, Maria Belo
Portugal, 1976 – 55 min

NASCER: A GRANDE AGRESSÃO

de Monique Rutler
Portugal, 1982 – 26 min
duração total da projeção: 81 min | M/12

COM A PRESENÇA DE FERNANDO MATOS SILVA, JOÃO MATOS SILVA E MARIA ANTÓNIA PALLA (A CONFIRMAR)

Talvez nenhum outro filme tenha mexido tanto com os alicerces da nova sociedade democrática pós-25 de Abril como *O ABORTO NÃO É UM CRIME*. Parte da série *Nome Mulher*, com autoria das jornalistas Maria Antónia Palla e Antónia de Sousa, o filme foi realizado pela Cinequipa para a RTP tendo sido exibido a 4 de fevereiro de 1976 pelas 22h00. O número de queixas que começaram a chegar nos dias seguintes foi astronómico. Os setores mais conservadores da sociedade insurgiram-se perante um filme que não só falava abertamente do aborto, como mostrava imagens explícitas de uma interrupção de gravidez (deve-se a Monique Rutler a coragem dessas imagens – segundo conta a lenda, o operador desmaiou e foi a realizadora que pegou na câmara e terminou a filmagem do procedimento). Houve uma queixa ao Ministério Público, todos os elementos da Cinequipa foram chamados a interrogatório e Maria Antónia Palla, que dava a cara na abertura e no fecho do programa, foi acusada de incitamento ao crime e prática ilegal de medicina – a jornalista seria ilibada de todas as acusações em 1979. A polémica em torno do filme gerou um intenso debate na sociedade portuguesa que deu força à campanha que defendia a realização do referendo à Despenalização do Aborto. A fechar a sessão, apresenta-se um outro programa de televisão realizado por Monique Rutler, da série *Viagem Através do Homem*, que igualmente gerou grande polémica, uma vez que foi censurado pela direção de programas da RTP pelo seu retrato cru da sociedade portuguesa. Trata, igualmente, das questões da natalidade e do planeamento familiar. *NASCER: A GRANDE AGRESSÃO* é exibido pela primeira vez na Cinemateca, em cópia de 16mm. *O ABORTO NÃO É UM CRIME* é exibido em nova cópia digital onde se apresenta o “final alternativo” da versão para cinema, produzida em 1977.

► Quarta-feira [18] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
CÃES QUE LADRAM AOS PÁSSAROS

de Leonor Teles
com Vicente Gil, Salvador Gil, Maria Gil,
Mariana Gil, António Gil

Portugal, 2019 – 21 min

JOGO DE MÃO

de Monique Rutler
com João Lagarto, Júlio César, São José Lapa,
Orlando Costa, Zita Duarte, Teresa Roby,
João Calvário, Carlos Wallenstein, Isabel de Castro,
Márcia Breia, José Wallenstein

Portugal, 1983 – 109 min

duração total da projeção: 130 min | M/12

Segunda das três longas-metragens realizadas até hoje por Monique Rutler, apresentada em competição oficial no Festival de Veneza em 1983, *JOGO DE MÃO* combina todas as recorrências do cinema da autora com uma experiência narrativa particular (as suas quatro histórias, lançadas pelo jogo de mão dos Robertos) que, entre outros efeitos, lhe permitem ampliar muito o espectro de representação sociológica. Filme sem centro – ou em que o centro é precisamente o de uma certa vivência quotidiana portuguesa, visível ou subterrânea –, é portanto, antes de mais, um exemplo do cinema de observação e dissecação social através do qual Monique Rutler nos olhou, de uma forma ao mesmo tempo solidária e distanciada, ao longo de cerca de uma década. Originalmente subtítulo “Sátira ao Machismo Lusitano”, *JOGO DE MÃO* é um retrato poliédrico do lugar da mulher num país de homens. O crítico Francisco Ferreira afirmou que se trata do filme que “melhor retratou a condição da mulher portuguesa (...) um filme preciosíssimo, a espaços comovente, demasiado próximo do osso, do que fomos, do que somos, e do que nos constitui como portugueses”. A abrir a sessão, *CÃES QUE LADRAM AOS PÁSSAROS*, de Leonor Teles. Ambos os filmes são exibidos igualmente no âmbito da apresentação da mostra “Elas Fazem Filmes”, organizada pela associação MUTIM – Mulheres Trabalhadoras das Imagens em Movimento (ver nota na pág. 18).

► Quinta-feira [19] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

VELHOS SÃO OS TRAPOS

de Monique Rutler
com João Guedes, Luís Santos, Luísa Neto
Portugal, 1980 – 80 min | M/12

Depois do seu envolvimento no cinema militante da Cinequipa e do cinema pedagógico da Cinequanon, Monique Rutler decidiu lançar-se na longa-metragem, trazendo para o cinema de ficção a mesma abordagem de denúncia social dos seus filmes politicamente engajados. Assim, rodado em 16mm, com um orçamento mínimo, a realizadora criou um objeto híbrido, onde a reportagem e a dramatização se encontram. A velhice é o tema eleito por Monique Rutler para *VELHOS SÃO OS TRAPOS*. A velhice e as questões a ela associadas, como a solidão, a pobreza e a morte, mas também o desejo e a sexualidade. Rodado em Lisboa (em particular entre o Bairro Alto e o jardim do Príncipe Real), o filme regista depoimentos de vários idosos (em asilos, lares, hospícios e casas de saúde) e centra-se nas histórias particulares de três personagens:

o sem-abrigo (interpretado pelo grande ator e encenador João Guedes) que prefere o suicídio ao internamento e um casal que se entrega a uma última possibilidade de amor (os comoventes Luís Santos e Luísa Neto).

► Sexta-feira [20] 18h00 | Sala Luís de Pina

CONVERSA SOBRE A OBRA DE MONIQUE RUTLER

Entrada livre, mediante levantamento de ingresso na Bilheteira trinta minutos antes do início da sessão

No âmbito do Ciclo dedicado à obra de Monique Rutler e aproveitando o lançamento do catálogo de autor *Monique Rutler – “Isto Vai Mudar!”*, a Cinemateca organiza uma conversa em torno da obra e da figura da realizadora. O programador da Cinemateca Ricardo Vieira Lisboa estará à conversa com as professoras e investigadoras Ana Isabel Soares (autora do ensaio original “Registrar a História, comentar os dias” publicado no referido catálogo) e Mariana Liz (coorganizadora do livro *Realizadoras Portuguesas: Cinema no Feminino na Era Contemporânea* e atual Vice-presidente da associação MUTIM – Mulheres Trabalhadoras das Imagens em Movimento).

► Sexta-feira [20] 19h30 | Sala Luís de Pina

O CINEMA DA ESCOLA

A-DA-BEJA

de Monique Rutler
Portugal, 1973-1984 – 21 min

O CÉREBRO

de Cinequipa [Monique Rutler]
Portugal, 1976 – 25 min

NO MUNDO DOS FANTOCHES

de Cinequanon [Monique Rutler]
Portugal, 1979 – 24 min

ASSOA O NARIZ E PORTA-TE BEM

de Monique Rutler
Portugal, 1981 – 25 min
duração total da projeção: 95 min | M/12

Ao longo da década de 1970, Monique Rutler desenvolveu, primeiro com a Cinequipa e depois com a Cinequanon, uma prática de cinema militante feito em coletivo. Pontualmente assumiu a realização, mas os filmes por si realizados nesse contexto não estão assinados (eram assinados em nome das cooperativas). Quase todos esses filmes versam sobre questões de ensino e pedagogia. No caso da Cinequipa, a realizadora assinou alguns episódios da série *Ver e Pensar* (feita para a RTP), uma série direcionada para o público infantojuvenil (é o caso de *O CÉREBRO*). Com a Cinequanon, assinou alguns episódios das séries *Os Direitos das Crianças* (é o caso de *NO MUNDO DOS FANTOCHES*), *Repensar a Escola* e *XX-XXI*, programas educativos feitos para a RTP ou para o Ministério da Educação. Porém, antes disso, ainda enquanto aluna da Escola de Cinema do Conservatório Nacional, Monique Rutler iniciou um documentário sobre o programa experimental de integração de saúde e educação pela Secção de Educação Terapêutica do Centro de Observação e Orientação Médico-Pedagógico (Coomp) em *A-DA-BEJA*,



JOGO DE MÃO

documentário esse que ficaria incompleto (foi interrompido pela Revolução), sendo concluído em 1983-84 com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian. Por fim, ASSOA O NARIZ E PORTA-TE BEM foi realizado no âmbito de uma iniciativa europeia onde os vários canais públicos dos diferentes países desafiaram cineastas locais a realizarem um pequeno filme sobre a infância e a liberdade. Monique Rutler respondeu com um filme que prossegue o hibridismo de VELHOS SÃO OS TRAJOS, onde a farsa (interpretada por Raquel Maria e Maria Vieira – esta última no seu primeiro papel como atriz) se combina com a reportagem de rua. Um filme divertido e provocador. Os quatro filmes são apresentados pela primeira vez na Cinemateca. Com exceção de NO MUNDO DOS FANTOCHES, que será apresentado em cópia de 16mm, os restantes títulos serão apresentados em cópias digitais, sendo que O CÉREBRO e ASSOA O NARIZ E PORTA-TE BEM provêm dos Arquivos RTP.

▶ Sábado [21] 17h30 | Sala M. Félix Ribeiro

A RECOMPENSA (TRAILER)

de Arthur Duarte [e Monique Rutler]

Portugal, 1979 – 3 min

FRANCISCA

de Manoel de Oliveira

com Teresa Meneses, Diogo Dória, Manuela de Freitas, Mário Barroso, João Guedes

Portugal, 1981 – 168 min

duração total da projeção: 171 min | M/12

Depois da Escola de Cinema do Conservatório Nacional, Monique Rutler começou a trabalhar como montadora, função que ocupou durante mais de uma década. Além de ter montado (com Fernando Matos Silva) AS ARMAS E O POVO, o seu outro grande feito como montadora foi FRANCISCA, uma das obras maiores de Manoel de Oliveira. FRANCISCA é o filme da última heroína da “tetralogia dos amores frustrados” (interpretada por Teresa Meneses). Manoel de Oliveira filma a partir do romance *Fanny Owen* de Agustina Bessa-Luís (1979), escrito com base em factos verídicos (Porto, século XIX, círculo intelectual e boémio de que fazia parte Camilo Castelo Branco). É um filme de espelhos e reflexos, ou como escreveu João Bénard da Costa, “não se pode ser mais claro em palavras e mais escuro em visões.” A abrir a sessão exhibe-se o trailer, montado por Monique Rutler, do filme A RECOMPENSA.

▶ Segunda-feira [23] 19h30 | Sala Luís de Pina

FREGUESIAS DE LISBOA: S. MAMEDE – DAS AMOREIRAS AO PARQUE MAYER

de Monique Rutler

Portugal, 1991 – 29 min

CARRO DA ESTRELA

de Monique Rutler

com António Lopes Ribeiro

Portugal, 1989 – 59 min

duração total da projeção: 88 min | M/12

Nesta sessão exibem-se dois filmes de encomenda que são, simultaneamente, retratos da cidade de Lisboa (a cidade que acolheu Monique Rutler desde a sua adolescência) e retratos da cinefilia revista à luz do urbanismo. DAS AMOREIRAS AO PARQUE MAYER corresponde ao capítulo de uma série promovida pela Câmara Municipal de Lisboa, onde se convidou um realizador diferente para assinar um retrato documental (em vídeo) sobre cada uma das freguesias da cidade. Monique Rutler, que viveu vários anos na zona do Príncipe Real (bairro que filmou em VELHOS SÃO OS TRAJOS e JOGO DE MÃO), conhecia muito bem os contornos da freguesia e fez deste “vídeo” um retrato tocante de um espaço, entre a decadência das tradições e a força da novidade. Já CARRO DA ESTRELA foca-se num bairro adjacente, e num dos seus mais célebres habitantes: António Lopes Ribeiro. Talvez pelo seu estatuto de “estrangeira”, só mesmo Monique Rutler teve o discernimento e a distância para conseguir encarar a complexa (e controversa) figura de Lopes Ribeiro. Cineasta oficioso do Estado Novo, Lopes Ribeiro foi o realizador que mais se entregou ao cinema de propaganda nacionalista, mas foi também um dos homens de cinema mais cultos da sua geração, um tradutor exímio, um literato e um dos mais populares promotores da cultura cinéfila na televisão no pré-25 de Abril. Os dois filmes são apresentados pela primeira vez na Cinemateca, ambos em suporte digital.

FILMES DE REALIZADORAS ESCOLHIDAS POR MONIQUE RUTLER

▶ Segunda-feira [16] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

L'INVITATION AU VOYAGE

de Germaine Dulac

com Emma Gynt, Raymond Dubreuil, Robert Mirfeuil, Paul Lorbert

França, 1927 – 36 min

NATHALIE GRANGER

Nathalie Granger

de Marguerite Duras

com Lucia Bosé, Jeanne Moreau, Gérard Depardieu

França, 1972 – 73 min

duração total da projeção: 109 min

legendados eletronicamente em português | M/12

Germaine Dulac foi uma forte personalidade, feminista militante, organizadora de cineclubes e presença marcante do cinema francês “de vanguarda” dos anos 20. Como todos os cineastas de vanguarda, buscou um cinema puro, feito apenas de ritmo, da concatenação das imagens, que se associam e, eventualmente, se dissociam. L'INVITATION AU VOYAGE transpõe de modo não convencional o célebre poema homónimo de Baudelaire. Baseado num argumento original de Antonin Artaud, com uma narrativa indireta e onírica – um filme de viagens interiores. Em contradição e complemento, a vida ao *ralenti* de NATHALIE GRANGER, onde se retrata uma tarde na vida de duas mulheres, fechadas em casa e em silêncio. Uma delas, Isabelle Granger, está preocupada com o comportamento violento da filha Nathalie. Do mundo exterior surgem ecos via rádio (a presença de um par de assassinos na região) e, mais tarde, um vendedor de máquinas de lavar. Na singularidade narrativa de Duras, sobressaem uma poderosa impressão de um tempo suspenso e uma angústia contida. Um dos mais belos e secretos filmes de Duras.

▶ Terça-feira [17] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

▶ Segunda-feira [23] 16h30 | Sala M. Félix Ribeiro

SUSPENSE

de Lois Weber

Estados Unidos, 1913 – 10 min

STREET CORNER

de Muriel Box

com Anne Crawford, Peggy Cummins, Rosamund John

Reino Unido, 1953 – 94 min

duração total da projeção: 104 min

legendados eletronicamente em português | M/12

Florence Lois Weber, a mais prolífica das realizadoras do cinema mudo (com uma obra paralela à de D. W. Griffith), realizou em 1913 a curta-metragem SUSPENSE, o filme que primeiro recorreu ao uso do *split screen* nos EUA (para

dar a ocorrência paralela de eventos ligados pelas linhas telefónicas). Neste pequeno filme (onde Weber é, além de realizadora, argumentista e a protagonista), experimenta-se uma plêiade de soluções visuais desconcertantes, para construir um “filme de cerco” sobre a violação do espaço doméstico. Já Muriel Box foi a mais prolífica das realizadoras inglesas do século XX, tendo realizado treze longas-metragens ao longo das décadas de 1950 e 1960 (além disso, foi uma importante argumentista, sendo a primeira mulher a receber um Oscar na categoria de Melhor Argumento Original). STREET CORNER versa sobre o trabalho e as agruras das mulheres-polícia (Anne Crawford, Rosamund John) na cidade de Chelsea, num filme que claramente se inspira nos policiais de Alfred Hitchcock. Segundo a realizadora, este foi um filme realizado com uma equipa técnica e artística predominantemente feminina e “nunca fui tão feliz e livre numa rotação”. Os dois filmes são exibidos pela primeira vez na Cinemateca, ambos em cópia digital.

▶ Quinta-feira [19] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

▶ Quinta-feira [26] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

LE MATELAS ALCOOLIQUE

de Alice Guy-Blaché

França, 1906 – 9 min

IL PORTIERE DI NOTTE

O Porteiro da Noite

de Liliana Cavani

com Charlotte Rampling, Dirk Bogarde, Gabriele Ferzetti, Philippe Leroy

Itália, 1974 – 117 min

duração total da projeção: 126 min

legendados eletronicamente em português | M/16

Polémico pelo tema que trata (aliás, foi apelidado à época como “o filme mais controverso dos nossos tempos”), IL PORTIERE DI NOTTE conta uma história que vem da II Guerra, trinta anos depois dela ter passado: uma sobrevivente a um campo de concentração (Charlotte Rampling) e o seu torturador (Dirk Bogarde), atualmente porteiro noturno num hotel vienense, encontram-se e revivem uma relação sadomasoquista. É o filme mais conhecido de Liliana Cavani, cineasta italiana que nunca se esquivou aos temas difíceis. Embora tenha sido muito atacado aquando da estreia, é hoje visto como um retrato ambíguo e complexo sobre as sequelas do horror da guerra. A abrir a sessão, um filme da pioneira Alice Guy-Blaché, um dos seus filmes burlescos onde uma lavadeira de colchões arregaça as mangas e põe mãos ao trabalho, custe o que custar. LE MATELAS ALCOOLIQUE é exibido pela primeira vez na Cinemateca, em cópia digital.



IL PORTIERE DI NOTTE

► Sexta-feira [20] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

OVOCE STROMŮ RAJSKÝCH JÍME

“Os Frutos do Paraíso”

de Věra Chytilová

com Jitka Nováková, Karel Novak, Jan Schmid

Checoslováquia, Bélgica, 1970 – 99 min

legendado eletronicamente em português | M/12

Realizado imediatamente após o célebre *SEDMIKRÁSKY* (mais conhecido pelo título inglês, *DAISIES*), este “OS FRUTOS DO PARAÍSO” é muito menos visto, mas nem por isso menos disruptivo. Trata-se de uma reavaliação do *Livro do Génesis*, na qual Věra Chytilová reinterpreta a história de Adão e Eva através de uma iconografia bíblico-surrealista. No seu muito particular estilo delirante, a realizadora transforma o mito da perda da inocência numa investigação criminal em busca de um assassino em série que só mata mulheres. Chytilová concluiu o filme enquanto as tropas soviéticas esmagavam os manifestantes da Primavera de Praga. “Uma parábola do Paraíso de que fomos corridos pelo conhecimento da Verdade.” (Věra Chytilová). Primeira apresentação na Cinemateca. A exibir em cópia digital.

► Quarta-feira [25] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

DESPERATELY SEEKING SUSAN

Desesperadamente Procurando Susana

de Susan Seidelman

com Madonna, Rosanna Arquette,

Aidan Quinn, John Turturro

Estados Unidos, 1985 – 104 min / legendado em português | M/12

E eis que Madonna chegou ao cinema! *DESPERATELY SEEKING SUSAN* foi o primeiro filme de Madonna num papel de relevo (a cantora estreou-se no grande ecrã

no mesmo ano com uma aparição em *VISION QUEST*). Assinada por Susan Seidelman, realizadora de comédias muito populares nos anos 1980, esta é uma divertida comédia que elege a figura de uma dona de casa dos subúrbios como protagonista, Roberta (Rosanna Arquette). Quando esta perde a memória, é confundida com Susan (Madonna), uma jovem boémia que não para quieta. Inspirado em *CÉLINE ET JULIE VONT EN BATEAU*, de Jacques Rivette, o filme foi um enorme sucesso comercial, tornando Seidelman numa das poucas realizadoras a singrar na indústria de Hollywood.

► Sexta-feira [27] 19h30 | Sala Luís de Pina

CARMEN

de Lotte Reiniger

Reino Unido, 1933 – 9 min

LES CENT ET UNE NUITS DE SIMON CINÉMA

de Agnès Varda

com Michel Piccoli, Marcello Mastroianni, Catherine Deneuve, Jeanne Moreau, Alain Delon, Robert De Niro, Harrison Ford, Jean-Paul Belmondo, Gérard Depardieu, Gina Lollobrigida, Jane Birkin, Anouk Aimée, Jean-Pierre Léaud

França, 1995 – 101 min

duração total da projeção: 110 min

legendados eletronicamente em português | M/12

Realizado a propósito do centenário da primeira sessão de cinema, Agnès Varda presta uma extraordinária homenagem ao cinema num filme pleno de humor e de imaginação. Conta-nos a história de Simon Cinéma (Michel Piccoli), ex-ator, produtor e realizador, que acredita concentrar em si todo o cinema. O velho Simon, já com quase 100 anos, está a perder a memória. Para o ajudar

a reavivar o seu passado contrata uma especialista que organiza uma maravilhosa impostura. Um filme com um elenco do outro mundo, que vai de Anouk Aimée a Gina Lollobrigida, de Jean-Paul Belmondo a Robert De Niro, de Catherine Deneuve a Jean-Pierre Léaud (entre muitas, muitas outras estrelas). A abrir a sessão, uma curta-metragem de animação em silhuetas pela pioneira desse formato, Lotte Reiniger, que aqui adapta a trama de *Carmen*, de Prosper Mérimée, num dos seus vários filmes baseados em óperas famosas. *CARMEN* é uma primeira exibição na Cinemateca.

► Segunda-feira [30] 22h00 | Sala M. Félix Ribeiro

SABATO, DOMENICA E LUNEDÌ

de Lina Wertmüller

com Sophia Loren, Luca De Filippo,

Luciano de Crescenzo, Alessandra Mussolini

Itália, 1990 – 109 min / legendado eletronicamente em português | M/12

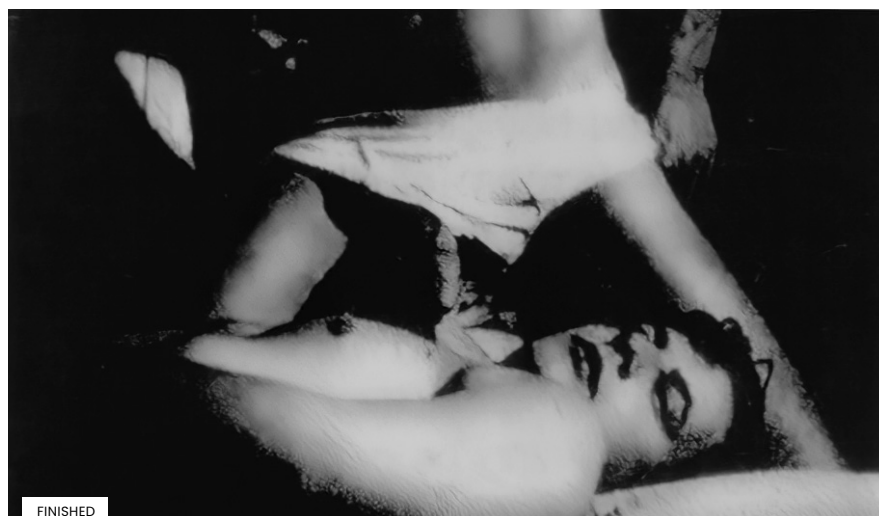
Adaptando uma peça de Eduardo De Filippo, Lina Wertmüller associa-se à diva Sophia Loren para contar a história de uma reunião familiar passada numa localidade perto de Nápoles, seguindo o ritual dominical da produção e degustação do fantástico molho para massa “ragu”. Rosa (Sophia Loren) e Don Peppino (Luca De Filippo, filho do autor da peça) aproveitam a ocasião para “reverem” o seu casamento de 30 anos. Wertmüller, a primeira mulher nomeada para o Oscar de Melhor Realização, mostra-se aqui ao serviço da história, tirando partido do seu elenco, em particular da estrela maior, Sophia Loren. Uma reavaliação tardia da *commedia all’italiana*.

A CINEMATECA COM O QUEER LISBOA: WILLIAM E. JONES

Em nova colaboração com o festival Queer Lisboa, cuja 28ª edição decorre em várias salas da capital entre 20 e 28 de setembro, a Cinemateca coorganiza esta retrospectiva de autor. William E. Jones veste múltiplas peles: a de artista visual, a de realizador experimental, a de escritor e a de professor universitário, entre outras. Nascido em 1962, em Canton, Ohio, Jones licenciou-se na Universidade de Yale e concluiu um mestrado em Belas-Artes no California Institute of the Arts. Tendo crescido numa comunidade de valores cristãos e mundivisão demasiado rígida, bem como marcadamente antigay, Jones recorda-se, tal como citado pelo *Akron Beacon Journal*, de como, na sua juventude, “ouvir música rock e ter cabelo comprido” era considerado algo de “pecaminoso”. As suas origens e diversas “identidades” convergem num *corpus* de trabalho coeso e centrado – mas que não se esgota – no estudo da cultura e vivência homossexual tal como representada na cultura popular, utilizando fontes de imagens respigadas do cinema, da televisão, da Internet, da pornografia, da videovigilância, fotografias tiradas de revistas e livros, entre outros materiais de arquivo. A sua área de especialização, os filmes compósitos de montagem, vulgo *found footage films*, articulam uma investigação antropológica sobre o universo *queer*, da América profunda ao antigo bloco de Leste, isto é, do autobiográfico *MASSILLON* (1991) até àquele que deve ser o seu título mais citado, composto por excertos de filmes porno gay realizados no antigo bloco de Leste, *THE FALL OF COMMUNISM AS SEEN IN GAY PORNOGRAPHY* (1998). Uma espécie de Siegfried Kracauer do cinema marginal, há qualquer coisa no *corpus* de Jones, mais concretamente nas suas composições ensaísticas e áudio/visuais, que deriva de um desejo de auscultar o tempo, embrenhando-se num laborioso trabalho de escavação e de indagação sociopolítica. Este processo resulta frequentemente numa escrita marcada por um grande rigor e clareza. O próprio advertiu no artigo acima citado: “Os meus filmes podem ser completamente não convencionais, mas nunca são opacos (...) Uso imagens simples e diretas, e a minha escrita é clara e concisa. Não recorro à ironia para desmentir algo; digo o que penso.”

Fã e estudioso das obras de Andy Warhol, de Fred Halsted e de Morrissey (o músico dos The Smiths que é o assunto principal de *IS IT REALLY SO STRANGE?*), Jones mistura, como poucos artistas do *found footage*, transgressão com rigor intelectual, o mesmo que lhe terá valido inúmeras distinções e bolsas académicas, entre elas, uma *Guggenheim Fellowship* no ano de 2011, em reconhecimento pelo seu contributo significativo para a arte e a cultura. Ao mesmo tempo, Jones tem sido objeto de diversas exposições individuais e retrospectivas em instituições de renome internacional. Se há artista simultaneamente brincalhão, virtuoso, vasto e sério, buscando o sentido profundo da sua arte no contraste entre texto – dito em *over* – e a tessitura de imagens “desenterradas” e resignificadas pela montagem, é bem provável que ele responda pelo nome de William E. Jones.

A acompanhar a retrospectiva que lhe é dedicada, Jones, que colaborou ativamente no desenho deste programa, propõe também uma carta branca numa sessão de curtas experimentais de cineastas marginais tais como Dietmar Brehm, Kurt Kren e o seu estimado Fred Halsted, sobre quem escreveu um livro intitulado *Halsted Plays Himself* (2011). À exceção do filme deste – *SEX GARAGE* – todos os filmes da retrospectiva serão primeiras exibições na Cinemateca e apresentados em cópias digitais.



► Sábado [21] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

MORE BRITISH SOUNDS

de William E. Jones

Estados Unidos, 2006 – 8 min

FILM MONTAGES (FOR PETER ROEHR)

de William E. Jones

Estados Unidos, 2006 – 11 min

FINISHED

de William E. Jones

Estados Unidos, 1997 – 75 min

duração total da projeção: 94 min

legendados eletronicamente em português | M/16

SESSÃO COM APRESENTAÇÃO

Por um processo de *détournement*, em MORE BRITISH SOUNDS, a mensagem política e social contida na banda sonora de BRITISH SOUNDS (1969) do Grupo Dziga Vertov, encomenda da televisão britânica feita a Jean-Luc Godard sobre as condições de vida do operariado cujo resultado acabou por ser rejeitado, ganha novos sentidos face às imagens de THE BRITISH ARE COMING (1986), de James Ryder, um filme porno *gay*. FILM MONTAGES (FOR PETER ROEHR) é uma obra de apropriação em homenagem ao artista *pop* germânico Peter Roehr, em que fragmentos – nem todos estritamente sexuais – de filmes porno homossexuais ganham um alto valor rítmico graças à arte da montagem de Jones. FINISHED é, mais do que um tributo, uma obra devotada ao ator porno Alan Lambert, cujo suicídio aos 25 anos, ato público meticulosamente planeado, comoveu e intrigou Jones, e o fez interrogar sobre a sua relação com a pornografia homossexual. Uma investigação aturada baseada numa obsessão do próprio realizador por Lambert, recorrendo grandemente a imagens pré-gravadas e a fotografias em que figura esse “messias do porno *gay*”.

► Segunda-feira [23] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

FALL INTO RUIN

de William E. Jones

Estados Unidos, 2017 – 30 min

YOUNGSTOWN / STEEL TOWN

de William E. Jones

Estados Unidos, 2016 – 6 min

MASSILLON

de William E. Jones

Estados Unidos, 1991 – 70 min

duração total da projeção: 106 min

legendados eletronicamente em português | M/16

FALL INTO RUIN conta a história, com narração *over* e fotografias tiradas pelo próprio Jones, do enigmático e carismático Alexander Iolas, galerista que envolveu a sua carreira entre a Grécia e Nova Iorque, e cuja morte precoce, causada pelo vírus da Sida, acabou por fazer cair no esquecimento tanto a sua história de vida como a sua sumptuosa coleção de arte clássica e moderna: “Ele serviu como um elo humano na história da arte”, remata Jones neste riquíssimo ensaio “foto-fílmico”. YOUNGSTOWN / STEEL TOWN tira partido do dispositivo do *split screen* para contrapor imagens recolhidas do arquivo, presentes num documentário sobre a indústria metalúrgica em Youngstown, Ohio, com planos produzidos para o efeito nos nossos dias. Por fim, MASSILLON é um regresso à comunidade onde Jones cresceu, traduzindo-se num ensaio autobiográfico formalmente magnético e de alto valor literário, com um texto dito em *over*, tão pessoal quanto político, que se faz acompanhar de planos com paisagens onde a presença humana está quase omissa.

► Terça-feira [24] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

KILLED

de William E. Jones

Estados Unidos, 2009 – 2 min

SHOOT DON'T SHOOT

de William E. Jones

Estados Unidos, 2012 – 5 min

TEAROOM

de William E. Jones

Estados Unidos, 1962–2007 – 56 min

duração total da projeção: 63 min

legendados eletronicamente em português | M/16

KILLED é um foto-filme sobre o fotógrafo do *New Deal* Roy Emerson Stryker e de como este “matou” certas fotografias

ao esburacar os negativos – um filme que, nas palavras de Jones no seu *website* oficial, “revelam lampejos de uma visão não oficial da América da Grande Depressão”. SHOOT DON'T SHOOT adapta um vídeo de instrução usado pela polícia para treinar o bom julgamento do agente no momento de decidir se dispara ou não. A caracterização que é feita do putativo criminoso, um homem negro com uma camisola cor-de-rosa e umas calças amarelas, contamina a experiência estética e política levada a cabo por Jones. O cineasta retoma o estudo sobre a cultura policial em TEAROOM, obra composta por imagens recolhidas pela própria polícia durante uma ação de combate a atos de atentado ao pudor no *Midwest* americano: “No verão de 1962, o Departamento de Polícia de Mansfield, Ohio, filmou homens numa casa de banho sob a praça principal da cidade”, narra Jones no seu *website* oficial, complementando: “O filme que gravaram foi usado em tribunal como prova contra os arguidos, todos considerados culpados de sodomia, que na altura implicava uma pena mínima obrigatória de um ano na penitenciária estadual”.

► Quarta-feira [25] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

DISCREPANCY

de William E. Jones

Estados Unidos, 2017 – 10 min

ALL MALE MASH UP

de William E. Jones

Estados Unidos, 2006 – 30 min

V.O.

de William E. Jones

Estados Unidos, 2006 – 59 min

duração total da projeção: 99 min

legendados eletronicamente em português | M/16

DISCREPANCY é um filme experimental que readapta o texto do letrista Isidore Isou com a voz eletrónica do *software* conhecido como Alexa. As imagens que acompanham o texto, compostas em mosaico e algumas desgastadas, só o acompanham no sentido em que participam da destruição geral da relação ilustrativa entre texto e imagem – autonomizar a imagem do som parece ser a proposta “repegada” por Jones. ALL MALE MASH UP é um dos mais notáveis trabalhos plásticos de Jones sobre a pornografia homossexual, capturando paisagens e pormenores dos atores em jeito de homenagem a um mundo perdido. Por fim, V.O. é uma experiência, outrossim “discrepante”, de autonomização do som em relação à imagem, com sons de filmes estrangeiros (não-americanos) associados a excertos de filmes pornográficos *gay*, produzindo um *détournement* extremamente irónico – aliás, o título sublinha a brincadeira levada a cabo com a ideia de “versão original”.

► Quinta-feira [26] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

THE FALL OF COMMUNISM AS SEEN IN GAY PORNOGRAPHY

de William E. Jones

Estados Unidos, 1998 – 19 min

ACTUAL T.V. PICTURE

de William E. Jones

Estados Unidos, 2013 – 7 min

PSYCHIC DRIVING

de William E. Jones

Estados Unidos, 2014 – 14 min

MODEL WORKERS

de William E. Jones

Estados Unidos, 2014 – 13 min

A GREAT WAY OF LIFE

de William E. Jones

Estados Unidos, 2015 – 7 min

duração total da projeção: 60 min

legendados eletronicamente em português | M/16

Em meados dos anos 90, William E. Jones trabalhou num clube de vídeo onde contactou pela primeira vez com filmes pornográficos produzidos no bloco de Leste europeu: “Eram produtos de uma empreitada imperialista crua (...). No momento mais desesperado, (...) a única coisa que os jovens tinham para vender era o acesso aos seus corpos”, notou Jones. Um dos filmes de montagem mais celebrados, THE FALL OF COMMUNISM AS SEEN IN GAY PORNOGRAPHY é um tratado sobre arqueologia da imagem e os tesouros escondidos na nossa História cultural. É o filme que mais longe lançou o nome de Jones no

panorama do *found footage*. ACTUAL T. V. PICTURE cruza imagens do Vietname a ser bombardeado pelas forças americanas com anúncios televisivos a darem conta do desenvolvimento de transístores em miniatura. PSYCHIC DRIVING recorre a imagens de experiências governamentais para o tratamento de doenças mentais utilizando drogas alucinogénias, como o LSD, e doses maciças de eletrochoques – tirando partido das falhas e degradação dos suportes vídeo, forma e fundo confundem-se. MODEL WORKERS é uma apresentação em estilo de *slide show* de imagens figurativas presentes em notas de diversos países. A GREAT WAY OF LIFE – título assaz irónico – é um *mash-up* de imagens da Guerra do Vietname justapostas com anúncios televisivos da mesma altura.

► Sexta-feira [27] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

CARTA BRANCA A WILLIAM E. JONES

2/60: 48 KÖPFE AUS DEM SZONDI-TEST

de Kurt Kren

Áustria, 1960 – 4 min

RACINE - 1 (1992 - 1999)

de Dietmar Brehm

Áustria, 2002 – 8 min

JELLYFISH SANDWICH

de Luther Price

Estados Unidos, 1994 – 17 min

SEX GARAGE

de Fred Halsted

Estados Unidos, 1972 – 35 min

duração total da projeção: 64 min

legendados eletronicamente em português | M/16

Nome maior da cena *avant-garde* austríaca, Kurt Kren realiza, em 2/60: 48 KÖPFE AUS DEM SZONDI-TEST, uma breve experiência visual que investiga a psicanálise através de uma série de retratos inquietantes, baseada no teste Szondi (que utiliza a fotografia para desenhar o perfil pulsional do[a] examinado[a]). Outro nome de peso do cinema experimental austríaco e um artista multifacetado, Dietmar Brehm explora a aleatoriedade involuntária da criação artística numa sucessão de pontas de películas acumuladas ao longo dos anos que, assim sequenciadas, são reanimadas por via do trabalho de montagem, originando um trabalho chamado RACINE – exhibe-se, nesta sessão, o primeiro filme desta série. JELLYFISH SANDWICH é um virtuosíssimo filme de montagem, misturando *footage* de proveniências – e latitudes – várias com uma banda sonora que ironiza e confere novas camadas de sentido ao muito cinético “choque de imagens” da autoria deste grande reciclador de películas descartadas, o americano Luther Price. SEX GARAGE é um filme “rated X” de Fred Halsted, rodado num preto-e-branco estiloso mas cru, combinando iconografia “macho” (o cabedal e o motociclismo rebentando as costuras do fetichismo) com sexo homossexual explícito. No seu livro *Halsted Plays Himself*, William E. Jones analisa a história de vida trágica e a obra por descobrir deste “primeiro autor de cinema da pornografia *gay*”.

► Sábado [28] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

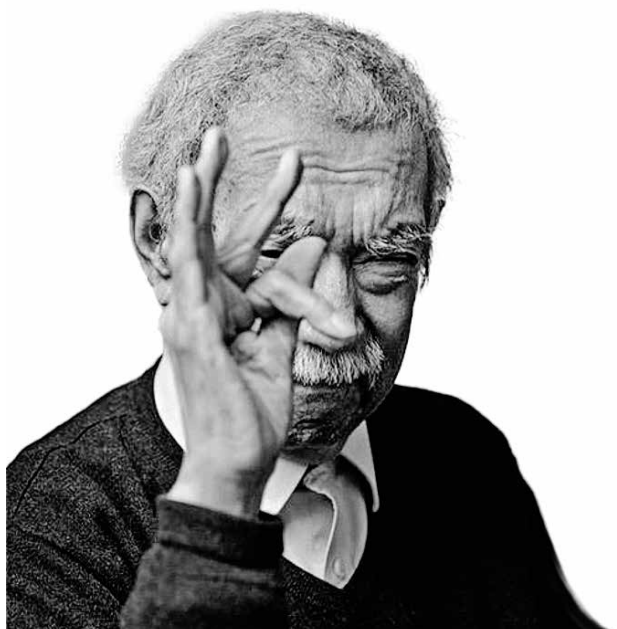
IS IT REALLY SO STRANGE?

de William E. Jones

Estados Unidos, 2004 – 80 min

legendado eletronicamente em português | M/12

O “mito Morrissey” é analisado por William E. Jones numa obra mais estritamente documental do que nos habituou e que reflete sobre o fenómeno de culto em torno do vocalista da banda The Smiths, nomeadamente no seio da comunidade latino-americana. Jones privilegia o uso de fotografias e entrevistas feitas sobretudo a jovens, “uma nova geração de *dandies*” que mantém vivo o mito em torno desse “(not so) charming man” descrito também como um poeta melancólico, um provocador “anarquista” e uma personalidade misteriosa e complexa. Como é habitual nos filmes de Jones, o próprio cineasta não deixa de dizer o que pensa e de partilhar a sua história de amor pelas letras e pela harmonia intoxicantes dos The Smiths e ainda de refletir sobre o papel da banda, em particular do seu vocalista, na história de afirmação da iconografia e valores *queer*.



LES ÂMES FORTES

RAÚL RUIZ – A IMAGEM ESTILHAÇADA (PARTE III)

A terceira parte deste “monumental” Ciclo (que se concluirá em outubro) que dedicamos a este não menos “monumental” cineasta, sendo composta por obras muito diversas entre si e relativamente espaçadas no tempo, tem, no entanto, um subcapítulo (chamemos-lhe assim) dedicado à relação deste cineasta com outras artes cénicas (teatro, mas não só): BÉRÉNICE, RICHARD III, EDIPO, DERRIÈRE LE MUR, LA PRÉSENCE RÉELLE. Do programa constam também dois dos seus três filmes com produção anglófona (o terceiro – A CLOSED BOOK – foi renegado por Ruiz): SHATTERED IMAGE e THE GOLDEN BOAT. O programa reúne assim filmes dispersos ao longo de quase três décadas. Desde o já citado BÉRÉNICE (1983) até BALLET AQUATIC (2010), que será exibido em outubro. Será possível ver, também, uma boa parte das obras produzidas para televisão, maioritariamente produções do francês Institut National de l’Audiovisuel. Todos os filmes, à exceção de BÉRÉNICE, são primeiras exibições na Cinemateca (e, na sua grande maioria, estreias absolutas em Portugal).

► Terça-feira [03] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

BÉRÉNICE

de Raúl Ruiz

com Anne Alvaro, Jean-Bernard Gaillard, Jean Badin

França, 1983 – 105 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Realizado quando o prestígio de Raúl Ruiz estava no auge, BÉRÉNICE foi um filme de encomenda, que adapta a tragédia seiscentista epónimo de Racine, sobre a rutura entre o imperador romano Tito e a princesa judia Berenice, com quem ele vive maritalmente, mas que se resigna a rejeitar por razões de Estado. Ruiz conservou a totalidade do texto em alexandrinos, mas Berenice (vestida à maneira de 1900 e não como na Antiguidade) é a única personagem que vemos: todas as outras são reflexos ou silhuetas, o que convém perfeitamente ao teatro de Racine, extremamente depurado e com uma linguagem muito codificada, mas no qual ardem paixões terríveis.

► Quarta-feira [04] 18h30 | Sala Luís de Pina

RICHARD III

de Raúl Ruiz

com Ariel Garcia-Valdes, Gilles Arbona, Marc Betton, Annie Perret

França, 1984 – 135 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Ricardo III, uma das mais célebres peças políticas – ou seja, sobre o poder – de Shakespeare, mostra a ascensão e a queda de um tirano que sobe ao trono à custa de diversos crimes e no desenlace é assombrado pelos espectros das suas vítimas. Encomendado pela Maison de la Culture de Grenoble, o filme de Ruiz transpõe a encenação da peça feita por Georges Lavaudant, um dos nomes de relevo do teatro francês da sua geração. Ao invés de filmar uma encenação de palco, Ruiz evita as “extravagâncias” visuais dos seus filmes mais célebres deste período, mas expande a encenação de Lavaudant para um espaço realmente cinematográfico, com diversas cenas feitas ao ar livre.

► Quinta-feira [05] 19h30 | Sala Luís de Pina

MÉMOIRE DES APPARENCES

de Raúl Ruiz

com Sylvain Thiolle, Roch Leibovici, Bénédicte Sire

França, 1986 – 103 min / legendado eletronicamente em português | M/12

O longínquo ponto de partida deste filme foi o clássico do teatro barroco espanhol, *Vida es sueño* (1605), de Pedro Calderón de la Barca, do qual ouvimos alguns trechos, história do herdeiro de um trono, que fica preso durante muitos anos e um dia, enquanto dorme, é levado ao palácio real, onde descobre um mundo que lhe é inteiramente novo. Sem saber se está a viver ou a sonhar, conclui que “vida es sueño / y los sueños vida son”. No filme de Ruiz, que começa em abril de 1974, um professor de literatura tem de decorar numa semana os nomes de quinze mil resistentes chilenos ao regime militar. Lembra-se então que em adolescente decorara a peça de Calderón em apenas três dias e usará esta lembrança como técnica mnemónica. Raramente Ruiz abordou de forma tão original um texto clássico.

► Sexta-feira [06] 19h30 | Sala Luís de Pina

LA PRÉSENCE RÉELLE

de Raúl Ruiz

com Franck Oger, Nadège Clair, Camila Mora-Scheihing

França, 1984 – 60 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Ao ser convidado pelo Festival de Avignon a encenar uma peça, Ruiz respondeu com uma adaptação cinematográfica de *Bérénice* de Racine e com este “documentário de ficção”, para citarmos a fórmula com que o definiu. O título faz alusão à doutrina católica, segundo a qual o corpo e o sangue de Cristo tornam-se reais durante a missa. Ruiz interroga-se sobre quão real será a presença de um ator no próximo futuro com a utilização progressiva do vídeo nas encenações teatrais. No filme, um ator visita o festival e torna-se espectador da sua própria performance. Ian Christie observou que em LA PRÉSENCE RÉELLE “a imaginação de Ruiz atinge novos patamares de habilidade e fantasia”.

► Sábado [07] 19h30 | Sala Luís de Pina

EDIPO

de Raúl Ruiz

com Silvio Castiglioni, Marco Cavicchioli, Laura Colombo

Itália, 2004 – 80 min / legendado eletronicamente em português | M/12

EDIPO foi realizado a partir dos textos *Edipo hiperbóreo*. *Una antologia de fábulas sobre el exilio y la tiranía*, da autoria do próprio Raúl Ruiz e já por ele encenados em 1989. Filmado no Castelo de Buti (na Toscana) e no cinema dessa cidade, o filme só foi concluído em 2004 pela Fondazione Pontedera Teatro.

► Segunda-feira [09] 19h30 | Sala Luís de Pina

RÉGIME SANS PAIN

de Raúl Ruiz

com Anne Alvaro, Olivier Angèle, Gérard Maimone

França, 1984 – 75 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Comédia musical. Jason III, soberano do principado rock de Vercours, ao verificar que a sua popularidade diminuí consideravelmente entre os seus eleitores decide abdicar e refugia-se na zona reservada aos imigrantes católicos. Aí conhece Alouette, uma bibliotecária parálitica que se apaixona por ele. RÉGIME SANS PAIN é um filme sobre música. A fotografia é de Acácio de Almeida.

► Terça-feira [10] 19h30 | Sala Luís de Pina

MAMMAME

de Raúl Ruiz

com Eric Alfieri, Matilde Altaraz, Muriel Boulay

França, 1985 – 65 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Neste filme Ruiz aborda um elemento bastante raro no seu cinema, a dança. MAMMAME é um trabalho sobre um espetáculo da companhia de dança de Émile Dubois, coreografado por Jean-Claude Galotta. Jonathan Rosenbaum é de opinião que “a celebração do movimento físico neste filme pode entusiasmar tanto os amantes da dança quanto os cinéfilos. Usando elementos formais semelhantes aos de Orson Welles – grandes ângulos, profundidade de campo, sombras, silhuetas, perspetivas deformadas – Ruiz e o seu diretor de fotografia, Acácio de Almeida, não são meros observadores ou rivais dos nove dançarinos, mas colaboradores no sentido mais profundo do termo”.

► Quarta-feira [11] 19h30 | Sala Luís de Pina

LA CHOUETTE AVEUGLE

de Raúl Ruiz

com François Berthet, Jessica Forde, Jean-Marie Boëeglén

França, Suíça, 1987 – 105 min

legendado eletronicamente em português | M/12

A interação entre um projecionista de cinema e os filmes que projeta e que o levam a lugares exóticos e fantásticos. LA CHOUETTE AVEUGLE (“não é um filme de ficção, mas um filme sobre a ficção”) é um dos exemplos mais fulgurantes da “imaginação à solta” de Ruiz.



BÉRÉNICÉ

► Quinta-feira [12] 19h30 | Sala Luís de Pina

OMBRES CHINOISES

de Raúl Ruiz
com Jean Badin, Jean-Bernard Guillard, Franck Oger
França, 1982 – 7 min

IMAGE DE SABLE

de Raúl Ruiz, Nadine Descendre
com Pieter Wiesma
França, Suíça, 1981 – 15 min

TOUS LES NUAGES SONT DES HORLOGES

de Raúl Ruiz
com Jessica Forde, Alain Sachs
França, Suíça, 1988 – 57 min

duração total da projeção: 79 min
legendados eletronicamente em português | M/12

OMBRES CHINOISES é, como o nome indica, um “exercício” em sombras chinesas, a partir de 36 *Situations Dramatiques*, de Georges Polti. IMAGE DE SABLE é um pequeno documentário sobre as impressionantes construções na areia do arquiteto holandês Pieter Wiesma. Sobre TOUS LES NUAGES..., a palavra a Raúl Ruiz: “A La Fémis pediu-me para dar um curso de argumento. Escrevi um romance policial japonês (publicado cinco anos depois em Itália) chamado *Tous les nuages sont des horloges*, que é uma citação de um ensaio de Karl Popper. O romance, que se passa na Normandia, é obra de um autor japonês inventado por mim, a que falta o último capítulo. Entreguei-o aos meus alunos para que adaptassem e inventassem o capítulo que faltava. Escrevíamos de manhã e eu filmava à tarde. O ponto de partida teórico é o princípio de Straub de que só existe um lugar possível para colocar a câmara. Para mim, esta é uma das superstições cinematográficas mais curiosas.”

► Sexta-feira [13] 18h30 | Sala Luís de Pina

LE FILM À VENIR

de Raúl Ruiz
com Gérard Vincent, Margot Marguerite, Jean-Yves Gautier
Suíça, França, 1997 – 9 min

DERRIÈRE LE MUR

de Raúl Ruiz
com Eric Affergan, Jérôme Bel, Catherine Berbessou
França, 1989 – 70 min

duração total da projeção: 79 min
legendados eletronicamente em português | M/12

Em LE FILM À VENIR um pai, à procura da sua filha desaparecida, descobre uma seita – os Philokinetes – que ritualisticamente assiste, num *loop* contínuo e interminável, um filme de 23 segundos para assim entrarem num estado hipnótico e alucinatório. DERRIÈRE LE MUR, uma adaptação de uma coreografia de Joëlle Bouvier e Régis Obadia, mostra-nos as estranhas cenas da vida quotidiana de bailarinos trogloditas que conversam por gestos.

► Sábado [14] 18h30 | Sala Luís de Pina

SHATTERED IMAGE

de Raúl Ruiz
com Anne Parillaud, William Baldwin,
Lisanne Falk, Bulle Ogier
Estados Unidos, Reino Unido, Canadá, 1998 – 102 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Jessie (Anne Parillaud), depois de ter sido violada e escapar

a uma aparente tentativa de suicídio, vive agora duas realidades distintas. Numa é uma assassina contratada para matar homens, noutra uma recém-casada em lua-de-mel na Jamaica. Qual delas é a verdadeira Jessie? Realizado no contexto da indústria cinematográfica dos Estados Unidos, mas com um elenco internacional, é um filme que Ruiz classificava como um “acidente americano” mas que retoma alguns dos temas que atravessam toda a sua obra.

► Segunda-feira [16] 19h30 | Sala Luís de Pina

LA VILLE NOUVELLE

de Raúl Ruiz
com Martine Chaussin
França, 1980 – 10 min

QUERELLE DE JARDINS

de Raúl Ruiz
com Franck Ogier (narração)
França, 1982 – 14 min

VOYAGE D'UNE MAIN

de Raúl Ruiz
com Franck Ogier, Nadège Clair, Valeria Sarmiento
França, 1984 – 25 min

ZIG-ZAG - LE JEU DE L'OIE

de Raúl Ruiz
com Pascal Bonitzer, Jean-Loup Rivière
França, 1980 – 30 min

duração total da projeção: 79 min
legendados eletronicamente em português | M/12

Em LA VILLE NOUVELLE, arquitetos discutem os planos da futura cidade de Marne-la-Vallée, nos arredores de Paris. QUERELLE DE JARDINS é uma viagem “ruiziana” por dois jardins nos arredores de Paris: Versailles e o Parc de Bagatelle. Animados pelo ódio à Europa e o desejo de descobrir uma relíquia enigmática, em VOYAGE D'UNE MAIN, um homem e a sua mão esquerda encetam uma curiosa volta ao mundo. Uma proposta surreal e audaciosa, com o sentido de humor característico de Ruiz, sobre a vida do escritor Jan Potocki. ZIG-ZAG - LE JEU DE L'OIE (entre nós conhecido pelo jogo da glória) é uma encomenda a Ruiz por ocasião de uma exposição de cartografia no Centro Pompidou. Ruiz definiu o filme como uma “ficção didática”. O protagonista, ao ver que o seu carro avariou e não arranca, pede ajuda a dois homens que estão no meio de um campo. Rapidamente entra num pesadelo (um pesadelo da pior espécie, um pesadelo didático), em que ele próprio se transforma em dado.

► Terça-feira [17] 19h30 | Sala Luís de Pina

COMÉDIE DE L'INNOCENCE

de Raúl Ruiz
com Isabelle Huppert, Jeanne Balibar, Charles Berling
França, 2000 – 100 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Em 1997-98, Ruiz realizou uma primeira versão desta história com os estudantes do Estúdio de Artes Contemporâneas da escola Le Fresnoy e três anos depois fez esta versão “oficial”. Um rapaz de nove anos pergunta à mãe se ela estava presente quando ele nasceu e, pouco tempo depois, diz que vai apresentá-la à sua verdadeira mãe. Ruiz observou que nesta história, que adapta um romance de Massimo Bontempelli, escritor próximo dos surrealistas, existem “alguns temas que me agradam: a

busca que não chega a parte alguma, os objetos que têm uma alma. Há três pistas de base: a criança possuída por uma força demoníaca, a criança manipulada e a criança manipuladora. E esta terceira pista é apenas uma explicação provisória”.

► Quarta-feira [18] 18h30 | Sala Luís de Pina

LES ÂMES FORTES

de Raúl Ruiz
com Laetitia Casta, John Malkovich,
Arielle Dombasle, Charles Berling

França, 2001 – 120 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Realizado no mesmo ano que o nada tradicional COFRALANDES (que exibimos em março na Parte II desta retrospectiva), LES ÂMES FORTES pertence à veia mais “clássica” do trabalho do realizador, em mais um exemplo da variedade do seu trabalho. O filme adapta um romance de Jean Giono, publicado em 1950, naquele que é considerado o “segundo período” da obra do escritor, em que ele quis “reinventar o século XIX, para melhor ilustrar as taras do século XX”. Numa aldeia do sul de França, em 1945, um grupo de mulheres conversa durante toda uma noite, evocando o passado de uma delas, a mais velha do grupo, que narra acontecimentos ocorridos há mais de sessenta anos. No entanto, ficamos sem saber o que é verdadeiro e o que foi deformado pela memória da mulher.

► Quinta-feira [19] 19h30 | Sala Luís de Pina

MIOTTE VU PAR RAÚL RUIZ

de Raúl Ruiz
França, 2002 – 80 min / legendado eletronicamente em português | M/12

MIOTTE VU PAR RAÚL RUIZ é o resultado de três anos de sessões intensivas em que Raúl Ruiz observou e filmou o processo criativo do pintor abstrato francês Jean Miotte. O documentário, descrito por Jonas Mekas como um dos melhores filmes sobre os desafios enfrentados pelo pintor durante o processo criativo, oferece uma singular abordagem ao cruzamento entre o cinema e as artes plásticas.

► Sábado [21] 19h30 | Sala Luís de Pina

THE GOLDEN BOAT

de Raúl Ruiz
com Federico Munchnik, Michael Kirby,
Brett Alexander, Mary Hestand

França, 1989 – 83 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Realizado em 16mm, com baixo orçamento, em colaboração com o grupo de teatro de vanguarda The Kitchen, THE GOLDEN BOAT é um périplo através de Nova Iorque, com uma narrativa “desconstruída”. Um jovem estudante de Filosofia e crítico no *Village Voice* conhece na rua um velho que está apaixonado por uma atriz de telenovelas. O rapaz não tardará a perder-se num mundo povoado por celebridades locais e internacionais (Jim Jarmusch, John Zorn). Ruiz explica que o filme “inspira-se nas séries policiais americanas, misturadas às telenovelas mexicanas e mergulha nos meios do *underground* de Nova Iorque. A cidade mostrada em THE GOLDEN BOAT é a Nova Iorque que conheci nos anos 60, mas a maior parte das histórias narradas vêm da Santiago de hoje”. Um dos filmes mais originais de um dos realizadores mais originais de sempre.

► Terça-feira [24] 19h30 | Sala Luís de Pina

LE DOMAINE PERDU

de Raúl Ruiz
com François Cluzet, Grégoire Colin,
Christian Colin, Marianne Denicourt

França, 2004 – 106 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Longinamente inspirado no romance *Le Grand Meaulnes* (1913), de Alain Fournier, o filme começa no dia do golpe de Estado de 1973, no Chile. Refugiado em casa, o protagonista, um aviador, lembra-se do período da Segunda Guerra Mundial, quando conheceu em Londres outro piloto, o francês Antoine, que talvez seja Saint-Exupéry. A custo, o chileno reconhece nele o homem que ele vira descer do céu no campo chileno durante a sua infância. Por detrás dos destinos dos dois homens, que se cruzam no Chile e na Europa, um livro parece tecer um laço secreto entre eles. Um dos filmes mais despojados e delicados de Ruiz, que aqui aborda, mais uma vez, o tema da imaginação.

QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA ?

No primeiro dos últimos quatro meses dedicados ao programa com que celebramos ao longo de 2024 os 50 anos do 25 de Abril apresentamos a proposta de filmes para a *Liberdade* e a *Revolução*, eixos que encerraremos em novembro (alternando, em outubro e dezembro, com os eixos *Comunidade* e *Futuro*).

LIBERDADE A fuga marca o elogio da liberdade de setembro em sete sessões que giram à volta de espaços concentracionários ou do trabalho, percursos condicionados e libertações. Os filmes chamados ao diálogo “Que Farei Eu Com Esta Espada?” são dos irmãos Lumière, Jean Renoir, Sacha Guitry, Luis Buñuel, Don Siegel, Amir Naderi, Edgar Pêra, Jerzy Skolimowski, Edgar Feldman e Luís Filipe Rocha, estes dois últimos num uníssono que evoca a histórica evasão de António Dias Lourenço do Forte de Peniche em dezembro de 1954.



- ▶ Segunda-feira [02] 16h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Quarta-feira [04] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

EL ÁNGEL EXTERMINADOR

O Anjo Exterminador
de Luis Buñuel

com Claudio Brook, Enrique Rambal,
Jacqueline Andere, Silvia Pinal

México, Espanha, 1962 – 93 min / legendado em português | M/12

“A melhor explicação para EL ÁNGEL EXTERMINADOR é que, racionalmente, não tem nenhuma.” Assim “explica” Luis Buñuel a sua obra-prima e o penúltimo filme que dirigiu no México, fábula feroz sobre a burguesia presa dos seus conceitos, preconceitos e ideias feitas, em que um grupo de pessoas é misteriosamente impedido de sair de um jantar. Recapitulação ou inventário de toda a obra de Buñuel, na opinião avalizada de vários, é um filme profundamente livre que, pela liberdade, o próprio realizador punha a par de UN CHIEN ANDALOU e VIRIDIANA. A apresentar em cópia digital.

- ▶ Segunda-feira [02] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Quinta-feira [19] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

ESCAPE FROM ALCATRAZ

Os Fugitivos de Alcatraz
de Don Siegel

com Roberts Blossom, Patrick McGoohan,
Clint Eastwood, Fred Ward, Jack Thibau

Estados Unidos, 1979 – 112 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Baseado no livro homónimo de J. Campbell Bruce onde se registam factos verídicos, ESCAPE FROM ALCATRAZ segue a história da fuga de Frank Morris e dos irmãos John e Clarence Anglin, presumivelmente os únicos prisioneiros que conseguiram fugir da prisão-ilha de alta segurança de Alcatraz, antes de esta ser fechada. A perigosa fuga pela parede exterior da prisão rumo ao mar foi interpretada sem duplos por Eastwood, Fred Ward e Jack Thibau. Rodado em Alcatraz, o último dos cinco filmes da parêntese Eastwood-Siegel, firmada em 1968 (COOGAN’S BLUFF) e “em alta” em 1971 (DIRTY HARRY e THE BEGUILLED), define-se pela eficácia da ação, o gosto pelo realismo e a austeridade da *mise-en-scène*. A apresentar em cópia digital.

- ▶ Terça-feira [03] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Quinta-feira [12] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

DÉSIRÉ

de Sacha Guitry

com Sacha Guitry, Jacqueline Delubac, Jacques Baumer,
Pauline Carton, Saturnin Fabre, Arletty

França, 1937 – 92 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Neste filme, Sacha Guitry é Désiré Tronchais (em português, “desejo decapitado”), o criado de Odette Cléry (a personagem de Madame, em nova composição da sua então mulher Jacqueline Delubac), dois protagonistas que sonham juntos debaixo do mesmo teto. O argumento parte de uma peça de Guitry dez anos anterior ao filme; a adaptação sublinha as diferenças dos dois mundos que habitam a mesma casa, o dos senhores e o dos criados, com um olhar sobre o espaço que antecede o de Jean Renoir de LA RÈGLE DU JEU. Comédia romanesco-onírico-erótica, é um dos mais originais e celebrados Guitry dos anos trinta do século XX.



- ▶ Quinta-feira [12] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Segunda-feira [30] 19h30 | Sala Luís de Pina

O TRABALHO LIBERTA?

de Edgar Pêra

com Paulo Varela Gomes, António Vaz Pinto,
Paulo Borges, Agostinho da Silva, António Bracinha
Vieira, Herman José, Ruben de Carvalho

Portugal, 1993 – 25 min

SORTIE DES USINES LUMIÈRE À LYON

de catálogo Lumière

França, 1895 – 50 seg / mudo, sem intertítulos

ON PURGE BÉBÉ

de Jean Renoir

com Marguerite Pierry, Jacques Louvigny, Michel Simon

França, 1931 – 52 min / legendado eletronicamente em português

duração total da projeção: 78 min | M/12

No filme-ensaio em vídeo O TRABALHO LIBERTA? Edgar Pêra propõe uma interrogação sobre o poder emancipatório do trabalho. Para o fazer coloca a demolidora questão – ensombreada pela sua associação aos campos de concentração da Alemanha nazi – a várias figuras portuguesas. SORTIE DES USINES LUMIÈRE À LYON é o título mítico inaugural do cinematógrafo Lumière, uma tomada de vista de que existem três versões filmadas, a primeira em 19 de março de 1895, captando uma saída dos operários da fábrica Lumière, em que estes envergam os aventais de trabalho; e as duas outras, em meses seguintes, captadas ao domingo e com os operários em “traje de domingo”. ON PURGE BÉBÉ é o primeiro filme sonoro de Jean Renoir, com ruídos de penicos e autoclismos, uma comédia teatral adaptada de uma peça de Georges Feydeau sobre um bebé a cuja obstipação é preciso acudir. É simultaneamente um retrato trocista da burguesia francesa imaginado e realizado por Renoir em três semanas, a pensar em LA CHIENNE. Renoir sempre subestimou ON PURGE BÉBÉ como um filme de passagem ou conveniência. Falsas aparências, viu João Bénard da Costa: “acima de tudo, um prodigioso exercício de direcção de actores [...] só não se desmancham as aparências que, desde o início, estavam desmanchadas.”

- ▶ Sábado [14] 17h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Sexta-feira [20] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

ESSENTIAL KILLING

Matar para Viver

de Jerzy Skolimowski

com Vincent Gallo, Emmanuelle Seigner,
Zach Cohen, Ifatch Ophir

Polónia, Noruega, Hungria, Irlanda, 2010 – 83 min
legendado eletronicamente em português | M/16

Escrito e realizado por Jerzy Skolimowski para um solo de Vincent Gallo, ou quase. É dele o papel de um homem capturado pelo exército norte-americano no Afeganistão e enviado algures para a Europa de Leste que consegue fugir nessa travessia. ESSENTIAL KILLING é o filme de uma branca paisagem de neve, do gelo, de uma fuga solitária, silenciosa, de uma experiência de sobrevivência a enfrentar os limites. “É um filme sobre a redução do homem à animalidade, quer dizer, sobre a redução do homem à sua essência. Dito doutro modo, um filme sobre ‘o que é preciso fazer’, no mais primordial sentido que a expressão pode ter.” (Luís Miguel Oliveira)

- ▶ Sábado [14] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Segunda-feira [16] 16h30 | Sala M. Félix Ribeiro

DAVANDEH

“O Corredor”

de Amir Naderi

com Madjid Niroumand, Abbas Nazeri, Musa Torkizadeh

Irão, 1984 – 94 min

legendado em inglês e eletronicamente em português | M/12

A obra-prima autobiográfica de Amir Naderi, montada pelo realizador Bahram Beyzaie, é um título fundamental do cinema iraniano pós-revolução islâmica e o primeiro visto internacionalmente, marcando o início da vaga de bons filmes que emergiram nos anos 1980 e 90. O protagonista, Amiro, é um adolescente órfão que tenta melhorar a sua vida aprendendo a ler. DAVANDEH mantém-se simultaneamente aberto – como as suas paisagens do Golfo Pérsico – e abstrato, como a luta de Amiro para

compreender e conquistar um mundo cercado pela hostilidade e indiferença. Realizado num período em que o sul do Irão sofria bombardeamentos constantes por parte do regime de Saddam Hussein, é um triunfo glorioso do cinema sobre o desespero, e da vida sobre a destruição. A apresentar em cópia digital.

► Sábado [28] 17h30 | Sala M. Félix Ribeiro

O SEGREDO

de Edgar Feldman
com António Dias Lourenço
Portugal, 2008 – 25 min

A FUGA

de Luís Filipe Rocha
com Luís Alberto, José Viana, Miguel Franco,
Carlos César, Maria do Céu Guerra, Costa Ferreira
Portugal, 1977 – 109 min
duração total da projeção: 134 min | M/12

PROJEÇÃO SEGUIDA DE CONVERSA COM
EDGAR FELDMAN E LUÍS FILIPE ROCHA

A fuga do preso político antifascista António Dias Lourenço

(1915–2010) do Forte de Peniche em dezembro de 1954 está no centro de *O SEGREDO*, de Edgar Feldman, e de *A FUGA*, de Luís Filipe Rocha. Essa fuga solitária do histórico dirigente comunista é a mais espetacular das fugas portuguesas, um extraordinário feito de coragem e um símbolo da luta pela liberdade, do combate e da resistência à repressão do Estado Novo. Feldman filma o testemunho de Dias Lourenço, aos 94 anos, evocando os anos de prisão da cadeia de alta segurança de Peniche e a evasão após um mês de castigo na cela-cubículo sem luz conhecido como “segredo”. Inspirado na experiência do mesmo Dias Lourenço, a primeira obra de ficção de Luís Filipe Rocha é um importante título da “filmografia de Abril”, filmado em Lisboa, Caxias e Peniche pouco tempo após o fim do jugo da ditadura portuguesa. A narrativa segue o quotidiano de um preso político, o seu julgamento em tribunal plenário, as torturas que lhe foram infligidas ou a fuga por mar, concentrando-se na questão do encarceramento e no espaço concreto daquele lugar de cárcere recentemente transformado em Museu Nacional Resistência e Liberdade. *A FUGA* a exibir em cópia digital.

REVOLUÇÃO

Mais um programa de filmes que refletem sobre revoluções, inspirações e figuras revolucionárias, ou que se inserem eles próprios num movimento revolucionário. É este, sobretudo, o caso das curtas-metragens de Santiago Álvarez, o mais emblemático dos cineastas da revolução cubana, embora, com outro tipo de distância (às vezes mais aberta à ambiguidade), *COMMENT YUKONG DÉPLAÇA LES MONTAGNES*, de Joris Ivens e Marceline Loridan, seja também um testemunho *in loco* de uma “revolução dentro da revolução” (a China no élan da Revolução Cultural de Mao). Os outros filmes reconstituem momentos históricos: as lutas contra o colonialismo escravagista no Brasil do século XVIII (em *GANGA ZUMBA*), a revolução mexicana (*VIVA VILLA!*), a unificação italiana (1860, de Blasetti), a vida de uma figura tão poderosamente implantada no imaginário das lutas pela justiça racial e social nos Estados Unidos (no *MALCOLM X* de Spike Lee). Num espaço um pouco à parte, como meditação sobre uma educação política e sentimental, o programa completa-se com *PRIMA DELLA RIVOLUZIONE*, de Bertolucci, talvez o mais belo filme do seu autor.

► Segunda-feira [02] 19h30 | Sala Luís de Pina

► Terça-feira [24] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

NOW

de Santiago Álvarez
Cuba, 1965 – 6 min

HANOI MARTES 13

de Santiago Álvarez
Cuba, 1967 – 38 min

HASTA LA VICTORIA SIEMPRE

de Santiago Álvarez
Cuba, 1967 – 20 min

LBJ

de Santiago Álvarez
Cuba, 1968 – 18 min

79 PRIMAVERAS

de Santiago Álvarez
Cuba, 1969 – 25 min
duração total da projeção: 107 min
legendados eletronicamente em português | M/12

Santiago Álvarez encarnou como ninguém o cinema político, provocador, panfletário, da Cuba revolucionária, com a sua coleção de filmes curtos, incisivos (e explosivos, como granadas), muito devedores das lições de montagem do cinema soviético dos anos 20. Mais que filmes sobre Cuba, são filmes sobre as guerras frias e quentes que naquelas épocas dividiam o mundo em dois blocos. *NOW* passa, precisamente, as fronteiras da ilha para criar um astucioso trabalho de montagem sobre as lutas raciais nos EUA. *HANOI MARTES 13* é, como o título indica, o retrato de uma terça-feira, num Vietname ocupado, e dos atos de guerra que sobre ele recaem, enquanto que *HASTA LA VICTORIA SIEMPRE* é um olhar raro e direto sobre Che Guevara, feito a partir de atualidades e discursos do próprio. *LBJ*, serve para traçar uma crítica à política dos EUA (na figura de Lyndon B. Johnson), à sociedade de consumo e à segregação racial vigente na época. *79 PRIMAVERAS* é uma evocação da personalidade do lendário líder vietnamita Ho Chi Minh por altura da sua morte em 1969, a partir de imagens de arquivo e material filmado durante as suas cerimónias fúnebres.

► Terça-feira [03] 19h30 | Sala Luís de Pina

COMMENT YUKONG DÉPLAÇA LES MONTAGNES

de Joris Ivens, Marceline Loridan
China, França, 1976 – 98 min
legendado eletronicamente em português | M/12

COMMENT YUKONG DÉPLAÇA LES MONTAGNES é um filme constituído por 12 partes autónomas que versam sobre a vida quotidiana na China após a Revolução Cultural e que vai buscar o seu título a uma antiga narrativa chinesa. Apresentamos dois dos seus episódios: *LA PHARMACIE N° 3: SHANGHAI* (79 minutos) e *HISTOIRE D'UN BALLON, LE LYCÉEN N°31 À PÉKIN* (19 minutos). No primeiro, Ivens e Loridan filmam uma farmácia-piloto que não se limita a distribuir medicamentos, uma vez que todos se esforçam para melhorar o serviço em prol do bem da coletividade. *HISTOIRE D'UN BALLON, LE LYCÉEN N°31 À PÉKIN* centra-se, por sua vez, no debate ideológico entre um professor e um aluno a partir dum incidente no recreio com uma bola.

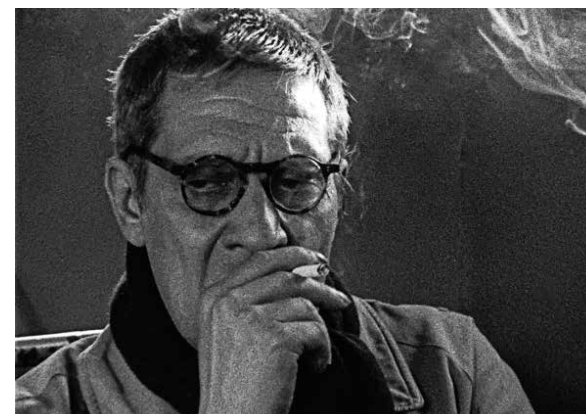
► Quarta-feira [04] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Sexta-feira [27] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

VIVA VILLA!

Viva Villa!
de Jack Conway
com Wallace Beery, Fay Wray, Leo Carrillo
Estados Unidos, 1934 – 115 min
legendado eletronicamente em português | M/12

VIVA VILLA! foi um filme crucial para a criação de uma mitologia de Pancho Villa, aqui fixada a partir dos traços de Wallace Beery (e duas décadas depois, o *VIVA ZAPATA!*, de Elia Kazan, foi um eco explícito deste filme). Uma produção ambiciosa de David O. Selznick, rodada quase integralmente no México, mas muito acidentada – os trabalhos duraram cerca de dois anos (prazo nada habitual no rápido regime hollywoodiano daquela época), houve trocas de atores, várias reescritas do argumento (que na base era um trabalho de Ben Hecht), e uma sucessão de realizadores (antes de Jack Conway, trabalharam no filme Howard Hawks e William Wellman). Apesar das vicissitudes, foi um razoável sucesso na bilheteira, e nem falhou o encontro com o certificado de “prestígio” de várias nomeações para os Oscars, incluindo a de melhor filme.



A FUGA



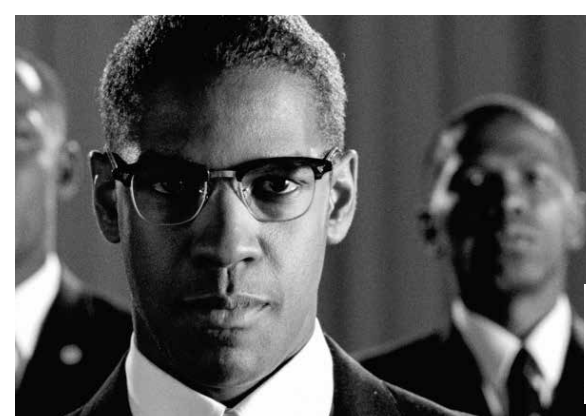
ESCAPE FROM ALCA TRAZ



DESIRE



DAVENDEH



MALCOLM X

- Segunda-feira [09] 16h30 | Sala M. Félix Ribeiro
► Sábado [28] 19h30 | Sala Luís de Pina

1860

de Alessandro Blasetti
com Aida Bellia, Giuseppe Gulino, Gianfranco Giachetti
Itália, 1933 – 80 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Um dos trabalhos mais famosos de Alessandro Blasetti, precursor do neorealismo, e o filme que abriu o período de reconstituições históricas na década de 30. 1860 conta um episódio da campanha de Garibaldi na Sicília, para a libertação da Itália do domínio dos Bourbons, sendo a ação vista através dos olhos de um camponês, testemunha dos eventos.

- Sexta-feira [13] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
► Segunda-feira [30] 16h30 | Sala M. Félix Ribeiro

PRIMA DELLA RIVOLUZIONE

Antes da Revolução
de Bernardo Bertolucci
com Adriana Asti, Francesco Barilli, Morando Morandini
Itália, 1964 – 100 min / legendado em português | M/12

“Quem nunca viveu antes da revolução, não conheceu a doçura de viver.” A célebre frase de Talleyrand (que se referia especificamente à Revolução Francesa) é citada em epígrafe nesta segunda longa-metragem de Bertolucci, à qual também serve de título. O filme é a história da educação sentimental de um jovem burguês de Parma, às voltas com um envolvimento sentimental incestuoso com a tia e com a relação com o seu mentor intelectual, um pensador marxista. Um filme ao mesmo tempo confessional e intelectual, magnificamente realizado, talvez a obra-prima do realizador, então com 24 anos.

- Terça-feira [17] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
► Quarta-feira [25] 19h30 | Sala Luís de Pina

GANGA ZUMBA

de Carlos Diegues
com António Pitanga, Léa Garcia, Luiza Maranhão
Brasil, 1964 – 100 min | M/12

Primeira longa-metragem de Carlos Diegues (que tinha 24 anos na altura), GANGA ZUMBA foi um título fundamental do Cinema Novo Brasileiro, e uma manifestação do interesse desta geração de cineastas pela interrogação da complexidade das origens do Brasil moderno. GANGA ZUMBA baseia-se na vida da figura epónima, líder do mais célebre quilombo das últimas décadas do século XVIII (no Brasil colonial, os quilombos eram comunidades autónomas formadas por escravos fugidos da sua condição), foco de resistência não apenas à escravatura mas a toda a estrutura colonial do território brasileiro. Rodado em paisagens naturais, GANGA ZUMBA tem também um elemento de recolha etnográfica, sobretudo através da presença dos rituais, da dança e da música (entre os atores, conta-se a presença do célebre músico Cartola). Primeira apresentação na Cinemateca.

- Quarta-feira [18] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

MALCOLM X

Malcolm X
de Spike Lee
com Denzel Washington, Angela Bassett, Delroy Lindo
Estados Unidos, 1992 – 202 min / legendado em português | M/12

Do ponto de vista da ambição, da escala de produção e do orçamento, MALCOLM X foi por certo o mais grandioso projecto de Spike Lee. Na base estava um argumento (escrito por James Baldwin no princípio da década de 70) que adaptava a autobiografia de Malcolm X escrita pelo próprio em colaboração com Alex Haley. O produtor Marvin Worth, que encomendara o argumento a Baldwin, andou duas décadas a tentar montar o projeto, até que finalmente, com Spike Lee, a empresa foi concretizada (mas depois de tantas reescritas, o nome de Baldwin desapareceu dos créditos, a pedido expresso dos seus herdeiros). É um *biopic* monumental do lendário ativista pelos direitos da população negra americana, desde a infância até ao seu assassinato em 1965. Quem lhe dá corpo, num papel que foi o da sua plena consagração, é Denzel Washington. A exibir em cópia digital.

CINE-ÓPERA

Em colaboração com o Operafest Lisboa & Oeiras 2024

Nesta segunda manifestação do Cine-Ópera, organizado pela Cinemateca Portuguesa em parceria com o Operafest, propomo-nos através da exibição de seis filmes prolongar alguns dos temas da edição deste ano do festival. Três deles resultam da transposição mais ou menos direta de óperas para o ecrã (as encenações feitas para serem filmadas por Franco Zeffirelli de *Cavalleria Rusticana* e *Pagliacci* e a revisitação de *Don Giovanni* por Kasper Holten), dois são incursões oliveirianas sobre a figura e a obra de Camões (*O VELHO DO RESTELO* e *NON OU A VÃ GLÓRIA DE MANDAR*), havendo também espaço para o *THE BOY WITH GREEN HAIR* de Joseph Losey, programado em diálogo com a figura do Polegarzinho que será revisitada num espetáculo do Operafest.



- Sábado [07] 15h00 | Sala. M. Félix Ribeiro

THE BOY WITH GREEN HAIR

O Rapaz dos Cabelos Verdes
de Joseph Losey
com Dean Stockwell, Robert Ryan, Barbara Hale
Estados Unidos, 1948 – 82 min
legendado eletronicamente em português | M/6

Fábula pacifista com Dean Stockwell no papel de um órfão de guerra que um dia acorda com o cabelo verde. Tal como em outros filmes de Losey, os desastres da guerra são severamente denunciados, e a estranheza do rapaz é menos uma maldição do que uma distinção, para que ninguém o ignore como símbolo. Três anos depois da bomba atómica, a mensagem é forte e explícita. *O filme está programado numa sessão da Cinemateca Júnior – Sábados em Família.*

- Sábado [07] 17h30 | Sala. M. Félix Ribeiro

O VELHO DO RESTELO

de Manoel de Oliveira
com Diogo Dória, Luís Miguel Cintra,
Ricardo Trêpa, Mário Barroso
Portugal, França, 2014 – 19 min

NON OU A VÃ GLÓRIA DE MANDAR

de Manoel de Oliveira
com Luís Miguel Cintra, Diogo Dória, Miguel Guilherme,
Luís Lucas, Carlos Gomes, António Sequeira Lopes
Portugal, 1990 – 108 min
duração total da projeção: 127 min | M/12

O VELHO DO RESTELO, último filme que Oliveira realizou, reúne as personagens de Dom Quixote, Luís Vaz de Camões, Teixeira de Pascoaes e Camilo Castelo Branco num banco de jardim do século XXI para um “um mergulho livre e sem esperança na História”. Em *NON OU A VÃ GLÓRIA DE MANDAR*, a História de Portugal vista à luz das suas derrotas, contada pelo Alferes Cabrita aos homens da sua companhia em plena Guerra Colonial. Ou um filme sobre militares em guerra que evocam momentos de História, e que termina com a morte do Alferes Cabrita no dia 25 de Abril de 1974. Um filme essencial sobre os “Non” da História de Portugal. Non é palavra buscada ao Padre António Vieira, que a chamava “terrível palavra”. Prémio Especial do Júri em Cannes.

- Segunda-feira [09] 21h00 | Sala M. Félix Ribeiro

JUAN

de Kasper Holten
com Christopher Maltman, Mikhail Petrenko, Elizabeth Futral
Dinamarca, 2010 – 105 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Uma variante do mito de Dom João, tal como este foi abordado por Mozart em *Don Giovanni*. Nesta versão filmada em Budapeste e ambientada nos dias de hoje, Juan é um irresistível sedutor que contrata o seu amigo Leporello, para que este estabeleça uma base de dados de todas as mulheres que ele seduziu e abandonou. Falado em inglês, o filme utiliza a música original de Mozart e autênticos cantores de ópera, não atores dobrados.

- Terça-feira [10] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

PAGLIACCI

de Franco Zeffirelli
com Teresa Stratas, Plácido Domingo,
Juan Pons, Florindo Aldreoli
República Federal da Alemanha, Itália, 1982 – 72 min
legendado eletronicamente em português | M/12

PAGLIACCI, uma adaptação da homónima obra lírica do compositor Ruggero Leoncavallo, com direção musical de Georges Prête, é uma trágica história de adultério, traição e vingança, desenrolada no seio de uma companhia de palhaços. Canio, o elemento principal da trupe, é casado com Nedda, que mantém uma relação extraconjugal com Silvio, também ele membro do grupo. Após ver os seus avanços rejeitados por Nedda, Tonio, um outro palhaço da companhia, revela a Canio a traição da sua mulher. Tomado pela raiva, Canio decide vingar-se dos dois amantes durante uma *performance*. Primeira apresentação na Cinemateca.

- Quarta-feira [11] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

CAVALLERIA RUSTICANA

de Franco Zeffirelli
com Yelena Obraztsova, Plácido Domingo,
Renato Bruson
República Federal da Alemanha, Itália, 1982 – 70 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Na vigília de Páscoa, numa pequena localidade rural da Sicília, Santuzza vê o seu amado Turiddu a sair da casa da sua amante, Lola. Quando Santuzza informa o marido de Lola da relação extraconjugal do casal, este decide desafiar Turiddu para um violento duelo de cavalheiros. Uma adaptação da obra lírica do compositor italiano Pietro Mascagni, com direção musical de Georges Prête. Primeira apresentação na Cinemateca.

A CINEMATECA COM OS ENCONTROS DE CINEMA DO FUNDÃO

A Cinemateca associa-se aos Encontros de Cinema do Fundão, organizados pelo Cineclube Gardunha e o Município do Fundão. A iniciativa junta a projeção de filmes à discussão sobre as obras projetadas e decorre no Fundão em agosto. A Cinemateca acolhe em Lisboa duas das sessões dos Encontros com a presença de convidados.

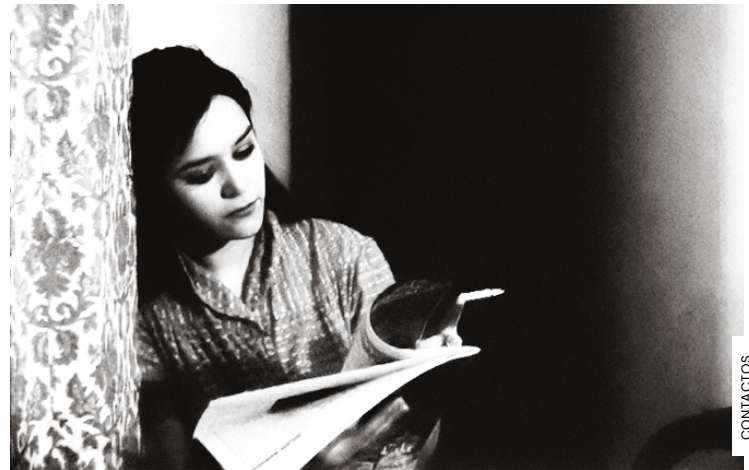
► Quinta-feira [05] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

CONTACTOS

de Paulino Víota
com Guadalupe Güemes, Eka García, José Miguel Gándara
Espanha, 1970 – 70 min / legendado eletronicamente em português | M/12

SESSÃO APRESENTADA POR MANUEL ASÍN

Em Madrid, durante a ditadura franquista, uma mulher procura um quarto numa pensão. Gradualmente, começa a desenvolver uma íntima relação com um colega de trabalho que vive no mesmo alojamento. A clandestinidade dos seus encontros e a opressão latente refletem o caráter militante implícito desta obra, filmada clandestina e apressadamente, à revelia do regime e da sua censura, recorrendo aos poucos meios que Víota tinha à sua disposição. Primeira apresentação na Cinemateca.



CONTACTOS

► Sexta-feira [06] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

ENGINE

de Miguel Ildfonso
Portugal, 2010 – 6 min

VIA NORTE

de Paulo Carneiro
Portugal, Suíça, Uruguai, 2022 – 72 min
duração total da projeção: 78 min | M/12

COM A PRESENÇA DOS REALIZADORES (A CONFIRMAR)

ENGINE põe em equação os elementos humano, natural e maquina: “O homem e a máquina. O homem e a natureza. Quando tudo se funde, algo emerge. Um som estranho do futuro anuncia um novo mundo.” Em VIA NORTE, Paulo Carneiro viaja até à Suíça para encontrar vários emigrantes portugueses que partilham a paixão por automóveis. O carro, símbolo de sucesso e bem-estar económico, revela-se pretexto para uma reflexão sobre questões relacionadas com identidade e comunidade. VIA NORTE em primeira apresentação na Cinemateca.

HISTÓRIAS DO CINEMA: JOHN FORD/TAG GALLAGHER

Explicitamente concebida e anunciada como um binómio, a rubrica “Histórias do Cinema” propõe, de um lado, um investigador ou especialista em cinema; de outro, um autor ou um tema histórico abordado pelo primeiro ao longo de cinco finais de tarde e em torno de cinco filmes, cujas projeções são antecedidas e sucedidas de apresentações e conversas sobre o autor ou o tema em causa, numa sequência de encontros pensados como experiência cumulativa. A edição de setembro das “Histórias do Cinema” traz novamente o clássico dos clássicos americanos, John Ford. Depois de ter sido abordado em 2012 pelo alemão Hartmut Bitomsky, convidámos agora o americaníssimo Tag Gallagher para nos dar a ver o “seu” Ford, ele que é provavelmente um dos maiores especialistas da sua obra. Crítico, professor e historiador de cinema, Gallagher é o autor do monumental ensaio *John Ford – The Man and His Movies* (releitura radical da obra de Ford onde analisa os seus filmes no contexto da personagem complexa do realizador, demonstrando a sua imensa inteligência e a sua profunda crítica à cultura americana), Gallagher assinou igualmente um conjunto de brilhantes vídeo-ensaios sobre alguns dos mais célebres títulos de Ford, um dos quais – JOHN FORD: INTRODUCTION – será apresentado a abrir esta série de sessões-conferência.

SESSÕES-CONFERÊNCIA | AS INTERVENÇÕES DE TAG GALLAGHER SERÃO FEITAS EM INGLÊS SEM TRADUÇÃO SIMULTÂNEA

► Segunda-feira [23] 18h00 | Sala M. Félix Ribeiro

JOHN FORD: INTRODUCTION

de Tag Gallagher
Estados Unidos, 2014 – 62 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Paralelamente à sua atividade enquanto professor e autor de vários livros sobre História do cinema e monografias sobre autores específicos (dos quais se destacam os livros *John Ford – The Man and His Movies* e *The Adventures of Roberto Rossellini*), Tag Gallagher é também um prolífico realizador de vídeo-ensaios. Nessas análises fílmicas em que sob a forma audiovisual aborda temas ou sequências específicas de um filme ou de um autor, Ford é o nome mais vezes e mais excelentemente tratado, mas merecem também referência, entre outros, os seus notáveis ensaios sobre Preminger, Ophuls e Sternberg. Nesta sua introdução a John Ford, Gallagher percorre alguns dos elementos essenciais da vida e da obra do realizador apoiando-se em momentos escolhidos da sua filmografia.

► Terça-feira [24] 18h00 | Sala M. Félix Ribeiro

STAGECOACH

A Cavalgada Heróica

de John Ford

com John Wayne, Claire Trevor, George Bancroft,
Thomas Mitchell, John Carradine, Andy Devine, Tim Holt

Estados Unidos, 1939 – 95 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Em 1939 nasce o *western* moderno pela mão de John Ford, estreado a paisagem que se tornará no símbolo do realizador e do género: Monument Valley. STAGECOACH segue a odisseia de um grupo humano, que é um microcosmos social, cruzando o deserto numa diligência, enfrentando os rigores da natureza e um espetacular ataque de índios no final. A primeira grande criação de John Wayne: Ringo. A exibir em cópia digital.

► Quarta-feira [25] 18h00 | Sala M. Félix Ribeiro

HOW GREEN WAS MY VALLEY

O Vale Era Verde

de John Ford

com Maureen O'Hara, Walter Pidgeon, Donald Crisp

Estados Unidos, 1941 – 118 min / legendado em português | M/12

HOW GREEN WAS MY VALLEY é a história de uma família de mineiros do País de Gales, evocada por alguém que recorda a sua infância. Da nostalgia dos tempos da inocência à amargura da separação dos vários membros da família, quando a crise económica se abate sobre a região. Algumas das mais belas cenas do cinema de Ford encontram-se neste filme: o casamento da filha (Maureen O'Hara), a greve dos mineiros e o conflito com o pai. “Há quem diga que tudo o que vive é sagrado. Ford, que o não disse, filmou-o. E não há filme que faça mais saudades” (João Bénard da Costa).



HOW GREEN WAS MY VALLEY

► Quinta-feira [26] 18h00 | Sala M. Félix Ribeiro

THE LONG GRAY LINE

Uma Vida Inteira

de John Ford

com Tyrone Power, Maureen O'Hara, Robert Francis, Ward Bond, Donald Crisp, Betsy Palmer, Phil Carey, Harry Carey Jr.

Estados Unidos, 1955 – 138 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Homenagem de John Ford ao Exército, evocando a mais célebre instituição para a formação de oficiais, a Academia de West Point. Centra-se na história de "Marty" Maher, treinador na Academia e da sua relação com cadetes que se tornarão famosos, como Eisenhower (interpretado por Harry Carey Jr). Um dos melhores trabalhos de Tyrone Power e Maureen O'Hara em estado de graça. A exibir em cópia digital.

► Sexta-feira [27] 18h00 | Sala M. Félix Ribeiro

THE MAN WHO SHOT LIBERTY VALANCE

O Homem que Matou Liberty Valance

de John Ford

com James Stewart, John Wayne, Lee Marvin, Vera Miles,

Edmond O'Brien, Andy Devine, Woody Strode

Estados Unidos, 1962 – 120 min

legendado em espanhol e eletronicamente em português | M/12

O verdadeiro fim do *western* clássico, numa celebração da morte do velho Oeste, personificado por Tom Doniphon (John Wayne), que jaz morto e arrefece num caixão de pinho com uma solitária flor de gato em cima. Nunca se vê o corpo, porque a lenda não o tem. Apenas surge na evocação em que Stoddard (James Stewart) recorda o triunfo da civilização na pequena cidade fronteiriça, sobre os desmandos dos quadrilheiros de Liberty Valance (Lee Marvin), assim tornando "desnecessários" os homens e os mitos como Doniphon. O fim de um género e uma das obras-primas do cinema. A apresentar em cópia digital.



THE MAN WHO SHOT LIBERTY VALANCE

NOS 30 ANOS DA COMISSÃO NACIONAL DE PROTEÇÃO DE DADOS

No âmbito das comemorações do 30.º Aniversário da CNPD – autoridade nacional de controlo das normas de garantia do direito fundamental à proteção dos dados pessoais e direitos conexos (que inclui o direito à reserva da intimidade da vida privada, identidade pessoal, identidade genética do ser humano, desenvolvimento da personalidade, bom nome, reputação e imagem, e ainda o princípio da igualdade e o direito à liberdade) –, a Cinemateca organiza duas sessões com filmes com relação direta com estas temáticas e que contarão com a participação de convidados especialistas para conversas após as projeções.

► Sexta-feira [20] 18h30 | Sala M. Félix Ribeiro

CITIZENFOUR

de Laura Poitras

Reino Unido, Alemanha, Estados Unidos, 2014 – 114 min / legendado eletronicamente em português | M/12

SESSÃO SEGUIDA DE DEBATE COM GUSTAVO CARDOSO

No início de 2013, a realizadora Laura Poitras recebe um e-mail encriptado assinado por um misterioso "citizenfour", que afirma possuir informações inéditas sobre as práticas ilegais dos programas de vigilância massiva de várias agências secretas dos Estados Unidos. CITIZENFOUR, *thriller* político vencedor do Oscar para Melhor Documentário, resulta das entrevistas realizadas a esse misterioso contacto que revelou ser Edward Snowden, antigo analista da NSA (National Security Agency). Primeira exibição na Cinemateca.

► Segunda-feira [30] 18h30 | Sala M. Félix Ribeiro

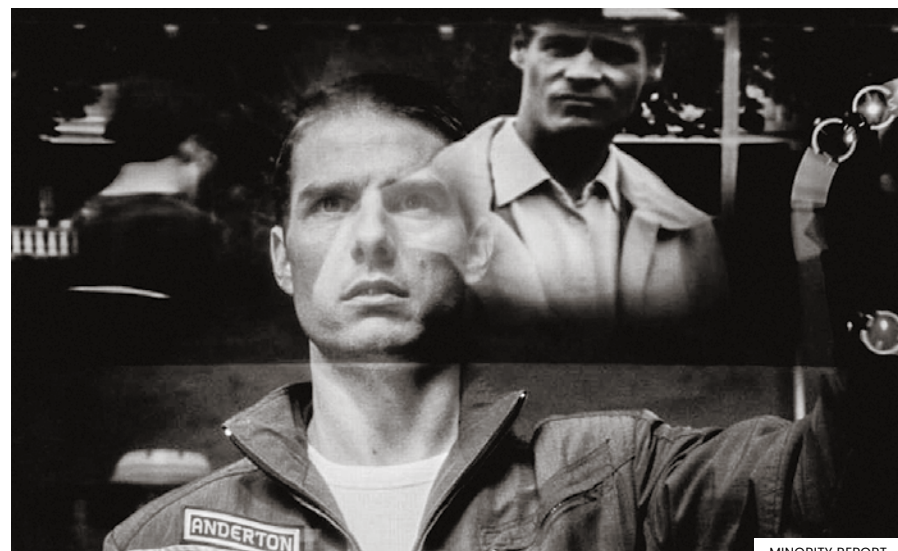
MINORITY REPORT

Relatório Minoritário

de Steven Spielberg

com Tom Cruise, Colin Farrell, Samantha Morton, Max Von Sydow

Estados Unidos, 2002 – 144 min / legendado em português | M/12



MINORITY REPORT

SESSÃO SEGUIDA DE DEBATE COM PAULO CUNHA E SÁ

MINORITY REPORT inspira-se num conto de um dos mais importantes escritores de ficção científica, Philip K. Dick. É um dos mais brilhantes exercícios de *suspense* e ação na ficção científica futurista, concretamente ambientado numa época em que os crimes são previstos e a função da polícia é evitar que sejam levados a cabo. É a função da personagem de Tom Cruise, que acaba por se ver ela própria acusada de um crime por cometer.

ELAS FAZEM FILMES SESSÃO DE APRESENTAÇÃO

Em colaboração com a MUTIM

A associação MUTIM (Mulheres Trabalhadoras das Imagens em Movimento) organiza, a partir de setembro, a “Elas Fazem Filmes – Mostra de Cinema feito por mulheres em Portugal”. Com o apoio do ICA, esta mostra prevê a realização de mais de 20 sessões de cinema em diversos pontos do país. O objetivo é divulgar o cinema feito por mulheres em Portugal, em diversas épocas e de diversos géneros, incluindo ficção, documentário e animação. A Cinemateca associa-se à primeira sessão desta iniciativa, no dia 18 de setembro, na qual se reúne JOGO DE MÃO (exibido igualmente no âmbito da retrospectiva que dedicamos este mês a Monique Rutler) à curta-metragem CÃES QUE LADRAM AOS PÁSSAROS, de Leonor Teles. Antes dessa sessão, pelas 18h00, haverá uma apresentação da mostra “Elas Fazem Filmes” junto à livraria Linha de Sombra com a presença de vários membros da MUTIM e de algumas das realizadoras com filmes incluídos no programa.

► Quarta-feira [18] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

CÃES QUE LADRAM AOS PÁSSAROS

de Leonor Teles
com Vicente Gil, Salvador Gil, Maria Gil,
Mariana Gil, António Gil

Portugal, 2019 – 21 min

JOGO DE MÃO

de Monique Rutler
com João Lagarto, Júlio César, São José Lapa,
Orlando Costa, Zita Duarte, Teresa Roby,
João Calvário, Carlos Wallenstein, Isabel de Castro

Portugal, 1983 – 109 min

duração total da sessão: 130 min | M/12

Em CÃES QUE LADRAM AOS PÁSSAROS, Leonor Teles (BALADA DE UM BATRÁQUIO, TERRA FRANCA) olha para o fenómeno da gentrificação e as suas consequências na transformação da cidade do Porto e do seu tecido urbano. Durante umas férias de verão, Vicente e a sua família enfrentam uma ameaça de despejo e a inevitabilidade da mudança. Segunda das três longas-metragens realizadas até hoje por Monique Rutler, apresentada em competição oficial no Festival de Veneza em 1983, JOGO DE MÃO combina todas as recorrências do cinema da autora com uma experiência narrativa particular (as suas quatro histórias, lançadas pelo jogo de mão dos Robertos) que, entre outros efeitos, lhe permitem ampliar muito o espectro de representação sociológica. Filme sem centro – ou em que o centro é precisamente o de uma certa vivência quotidiana portuguesa, visível ou subterrânea –, é portanto, antes de mais, um exemplo do cinema de observação e dissecação social através do qual Monique Rutler nos olhou, de uma forma ao mesmo tempo solidária e distanciada, ao longo de cerca de uma década. CÃES QUE LADRAM AOS PÁSSAROS é uma primeira apresentação na Cinemateca.

ANTE-ESTREIA

Prémiado no festival de Cannes com a distinção de Melhor Realizador, o muito aguardado novo filme de Miguel Gomes será apresentado em ante-estreia na Cinemateca na véspera da sua estreia nacional.

► Quarta-feira [18] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

GRAND TOUR

de Miguel Gomes
com Gonçalo Waddington, Crista Alfaiate,
Cláudio da Silva, Lang Khê Tran

Portugal, Itália, França, Alemanha, Japão, China, 2024 – 128 min | M/12

COM A PRESENÇA DE MIGUEL GOMES

Aclamado no festival de Cannes pela crítica internacional como um dos melhores filmes da edição deste ano e premiado com a distinção de Melhor Realizador, GRAND TOUR de Miguel Gomes (escrito com Mariana Ricardo, Telmo Churro e Maureen Fazendeiro) chega agora às salas portuguesas. A ação passa-se em Rangum, Birmânia, em 1918. Edward (interpretado por Gonçalo Waddington), um funcionário público do Império Britânico, foge da noiva Molly (Crista Alfaiate) no dia em que ela chega para o casamento. Nas suas viagens, porém, o pânico dá lugar à melancolia. Contemplando o vazio da sua existência, o cobarde Edward interroga-se sobre o que terá acontecido a Molly... Desafiada pelo impulso de Edward e decidida a casar-se com ele, Molly segue o rasto do noivo em fuga através deste Grand Tour asiático.



COM A LINHA DE SOMBRA

Nesta rubrica regular feita em colaboração com a livraria Linha de Sombra, este mês assinalamos o lançamento de O Último Cigarro, peça de teatro de António Roma Torres. O livro desenvolve um dispositivo dramático que permite seguir o diálogo eterno do homem e da mulher no paraíso perdido e ainda não reencontrado, através dos personagens ficcionais, Paul, um escritor americano, e Iris, uma estudante universitária, saídos das páginas de Paul Auster e Siri Hustved. A exibição de SMOKE de Wayne Wang e Paul Auster será antecedida pela apresentação do livro de António Roma Torres na livraria Linha de Sombra, a qual inclui também a exibição de excertos de outros filmes também convocados na peça.

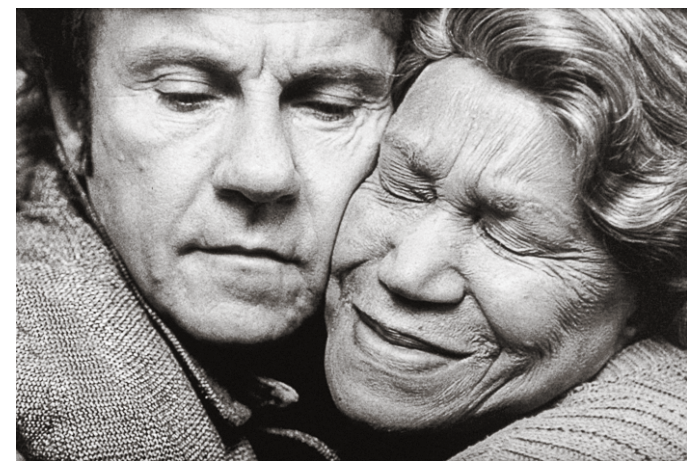
► Quinta-feira [26] 19h30 | Sala Luís de Pina

SMOKE

Smoke – Fumo
de Wayne Wang, Paul Auster (não creditado)
com Harvey Keitel, William Hurt,
Giancarlo Esposito, José Zúñiga

Alemanha, Estados Unidos, 1995 – 110 min / legendado em português | M/12

SESSÃO APRESENTADA POR ANTÓNIO ROMA TORRES



Incorporando elementos da New York Trilogy, de Paul Auster, SMOKE entrelaça uma série de histórias e personagens simultâneas. Diversos habitantes de Brooklyn passam por uma tabacaria do bairro, cujo dono (Harvey Keitel) é uma espécie de filósofo: um escritor, um adolescente e o pai do rapaz, que não vê há vários anos. Notáveis interpretações, destacando-se a de William Hurt na pele do dito escritor, homem desalentado e falido que é um cliente habitual daquela tabacaria.



De 2 de agosto a 26 de setembro, a Cinemateca apresenta a exposição de fotografias “Chile 1971-1973: Costa-Gavras, Ruiz, Guzmán”, de Armindo Cardoso, constituída por imagens dos bastidores dos filmes ÉTAT DE SIÈGE e LA BATALLA DE CHILE, bem como retratos de outras personalidades de cinema no início dos anos 70.

Nascido no Porto em 1943, Armindo Cardoso iniciou a sua carreira fotográfica em 1967 em Paris. Trabalhou no Collège de France (CNRS) como técnico de fotografia científica e, posteriormente, no Office Français de Techniques Modernes d'Education. Em 1969, muda-se para o Chile, onde foi editor gráfico e fotógrafo do semanário Chile Hoy e colaborou com diversas instituições e publicações chilenas, acompanhando, em 1972 e 1973, a rodagem dos filmes LA BATALLA DE CHILE, de Patricio Guzmán, e ÉTAT DE SIÈGE, de Costa-Gavras.

Em 1973, após a emissão de um mandado de captura pela Dirección de Inteligencia Nacional, refugia-se na embaixada da Venezuela, regressando a Paris como refugiado político. Os negativos das suas fotografias chilenas foram enterrados em Quinta Normal, Santiago, e posteriormente recuperados com a ajuda da Embaixada de França. De volta a Portugal em 1974, trabalhou com vários municípios e em teatros como a Seiva Trupe do Porto, o Teatro de Animação de Setúbal, a Barraca e a Companhia de Teatro de Almada. Participou em publicações sobre José Gomes

Ferreira e em catálogos como Operário das Palavras e A Revolução é um Sonho. Em 2022, publicou o livro Unidade 1967-2010, que cobre mais de 40 anos de carreira e inclui um acervo significativo da sua obra, depositada na Torre do Tombo e na Biblioteca Nacional do Chile. A sua mais recente exposição, “Armindo Cardoso, um fotógrafo humanista em Coruche”, foi inaugurada em junho de 2024 no Museu Municipal de Coruche.

A entrada é gratuita e estará aberta ao público de segunda a sábado, das 14h às 19h, nas salas de exposições temporárias da Cinemateca (Rua Barata Salgueiro, 39, Lisboa).

02 SEGUNDA-FEIRA

16H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ABRIL 50 ANOS – QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

EL ÁNGEL EXTERMINADOR
de Luis Buñuel

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | TERENCE DAVIES, O CANTOR DA MEMÓRIA

THE LONG DAY CLOSES
de Terence Davies

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | ABRIL 50 ANOS – QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

NOW
HANOI MARTES 13
HASTA LA VICTORIA SIEMPRE
LBJ
79 PRIMAVERAS
de Santiago Álvarez

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ABRIL 50 ANOS – QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

ESCAPE FROM ALCATRAZ
de Don Siegel

03 TERÇA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ABRIL 50 ANOS – QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

DÉSIRÉ
de Sacha Guitry

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | RAÚL RUIZ – A IMAGEM ESTILHAÇADA (PARTE III)

BÉRÉNICE
de Raúl Ruiz

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | ABRIL 50 ANOS – QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

COMMENT YUKONG DÉPLAÇA LES MONTAGNES
de Marcelline Loridan, Joris Ivens

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | TERENCE DAVIES, O CANTOR DA MEMÓRIA

DISTANT VOICES, STILL LIVES
de Terence Davies

04 QUARTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ABRIL 50 ANOS – QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

VIVA VILLA!
de Jack Conway

18H30 | SALA LUÍS DE PINA | RAÚL RUIZ – A IMAGEM ESTILHAÇADA (PARTE III)

RICHARD III
de Raúl Ruiz

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | TERENCE DAVIES, O CANTOR DA MEMÓRIA

THE TERENCE DAVIES TRILOGY
CHILDREN – MADONNA AND CHILD – DEATH AND
TRANSFIGURATION
de Terence Davies

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ABRIL 50 ANOS – QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

EL ÁNGEL EXTERMINADOR
de Luis Buñuel

05 QUINTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | TERENCE DAVIES, O CANTOR DA MEMÓRIA

YOUNG AT HEART
de Gordon Douglas

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM OS
ENCONTROS DE CINEMA DO FUNDÃO

CONTACTOS
de Paulino Viota

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | RAÚL RUIZ – A IMAGEM ESTILHAÇADA (PARTE III)

MÉMOIRE DES APPARENCES
de Raúl Ruiz

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | TERENCE DAVIES, O CANTOR DA MEMÓRIA

THE NEON BIBLE
de Terence Davies

06 SEXTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | TERENCE DAVIES, O CANTOR DA MEMÓRIA

THE LONG DAY CLOSES
de Terence Davies

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM OS
ENCONTROS DE CINEMA DO FUNDÃO

ENGINE
de Miguel Ildefonso
VIA NORTE
de Paulo Carneiro

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | RAÚL RUIZ – A IMAGEM ESTILHAÇADA (PARTE III)

LA PRÉSENCE RÉELLE
de Raúl Ruiz

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | TERENCE DAVIES, O CANTOR DA MEMÓRIA

THE HOUSE OF MIRTH
de Terence Davies

07 SÁBADO

15H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CINEMATECA JÚNIOR / CINE-ÓPERA

THE BOY WITH GREEN HAIR
de Joseph Losey

17H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CINE-ÓPERA

O VELHO DO RESTELO
NON, OU A VÃ GLÓRIA DE MANDAR
de Manoel de Oliveira

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | RAÚL RUIZ – A IMAGEM ESTILHAÇADA (PARTE III)

EDIPO
de Raúl Ruiz

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | TERENCE DAVIES, O CANTOR DA MEMÓRIA

THE DEEP BLUE SEA
de Terence Davies

09 SEGUNDA-FEIRA

16H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ABRIL 50 ANOS – QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

1860
de Alessandro Blasetti

18H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | TERENCE DAVIES, O CANTOR DA MEMÓRIA

SUNSET SONG
de Terence Davies

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | RAÚL RUIZ – A IMAGEM ESTILHAÇADA (PARTE III)

RÉGIME SANS PAIN
de Raúl Ruiz

21H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CINE-ÓPERA

JUAN
de Kaspar Holten

10 TERÇA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | TERENCE DAVIES, O CANTOR DA MEMÓRIA

DISTANT VOICES, STILL LIVES
de Terence Davies

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CINE-ÓPERA

PAGLIACCI
de Franco Zeffirelli

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | RAÚL RUIZ – A IMAGEM ESTILHAÇADA (PARTE III)

MAMMAME
de Raúl Ruiz

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | TERENCE DAVIES, O CANTOR DA MEMÓRIA

BUT WHY?
BENEDICTION
de Terence Davies

11 QUARTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | TERENCE DAVIES, O CANTOR DA MEMÓRIA

THE NEON BIBLE
de Terence Davies

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CINE-ÓPERA

CAVALLERIA RUSTICANA
de Franco Zeffirelli

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | RAÚL RUIZ – A IMAGEM ESTILHAÇADA (PARTE III)

LA CHOUETTE AVEUGLE
de Raúl Ruiz

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | TERENCE DAVIES, O CANTOR DA MEMÓRIA

PASSING TIME
A QUIET PASSION
de Terence Davies

12 QUINTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ABRIL 50 ANOS – QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

O TRABALHO LIBERTA?
de Edgar Pêra
SORTIE DES USINES LUMIÈRE À LYON
de catálogo Lumière
ON PURGE BÉBÉ
de Jean Renoir

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | TERENCE DAVIES, O CANTOR DA MEMÓRIA

HOME! HOME!
de James Dowling
OF TIME AND THE CITY
de Terence Davies

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | RAÚL RUIZ – A IMAGEM ESTILHAÇADA (PARTE III)

OMBRES CHINOISES
de Raúl Ruiz
IMAGES DE SABLE
de Raúl Ruiz, Nadine Descendre
TOUS LE NUAGES SONT DES HORLOGES
de Raúl Ruiz

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ABRIL 50 ANOS – QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

DÉSIRÉ
de Sacha Guitry

13 SEXTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | TERENCE DAVIES, O CANTOR DA MEMÓRIA

THE HOUSE OF MIRTH
de Terence Davies

18H30 | SALA LUÍS DE PINA | RAÚL RUIZ – A IMAGEM ESTILHAÇADA (PARTE III)

LE FILM À VENIR
DERRIÈRE LE MUR
de Raúl Ruiz

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | TERENCE DAVIES, O CANTOR DA MEMÓRIA

YOUNG AT HEART
de Gordon Douglas

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ABRIL 50 ANOS – QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

PRIMA DELLA RIVOLUZIONE
de Bernardo Bertolucci

14 SÁBADO

15H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CINEMATECA JÚNIOR

L'ENFANT SAUVAGE
de François Truffaut

17H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ABRIL 50 ANOS – QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

ESSENTIAL KILLING
de Jerzy Skolimowski

18H30 | SALA LUÍS DE PINA | RAÚL RUIZ – A IMAGEM ESTILHAÇADA (PARTE III)

SHATTERED IMAGE
de Raúl Ruiz

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ABRIL 50 ANOS – QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

DAVANDEH
de Amir Naderi

16 SEGUNDA-FEIRA

16H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ABRIL 50 ANOS – QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

DAVANDEH
de Amir Naderi

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | MONIQUE RUTLER – “ISTO VAI MUDAR!”

CINEMAGAZINE N° 13, 40, 51 [EXCERTOS]
de Fernando Matos Silva
SOLO DE VIOLINO
de Monique Rutler

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | RAÚL RUIZ – A IMAGEM ESTILHAÇADA (PARTE III)

LA VILLE NOUVELLE
QUERELLE DE JARDINS
VOYAGE D'UNE MAIN
ZIG-ZAG – LE JEU DE L'OIE
de Raúl Ruiz

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | FILMES DE REALIZADORAS ESCOLHIDAS POR MONIQUE RUTLER

L'INVITATION AU VOYAGE
de Germaine Dulac
NATHALIE GRANGER
de Marguerite Duras

17 TERÇA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ABRIL 50 ANOS – QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

GANGA ZUMBA
de Carlos Diegues

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | MONIQUE RUTLER – “ISTO VAI MUDAR!”

O ABORTO NÃO É UM CRIME
de Cinequipa
NASCER: A GRANDE AGRESSÃO
de Monique Rutler

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | RAÚL RUIZ – A IMAGEM ESTILHAÇADA (PARTE III)

COMÉDIE DE L'INNOCENCE
de Raúl Ruiz

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | FILMES DE REALIZADORAS ESCOLHIDAS POR MONIQUE RUTLER

SUSPENSE
de Lois Weber
STREET CORNER
de Muriel Box

18 QUARTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ABRIL 50 ANOS – QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

MALCOM X
de Spike Lee

18H30 | SALA LUÍS DE PINA | RAÚL RUIZ – A IMAGEM ESTILHAÇADA (PARTE III)

LES ÂMES FORTES
de Raúl Ruiz

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | MONIQUE RUTLER – “ISTO VAI MUDAR!”/ELAS FAZEM FILMES
- SESSÃO DE APRESENTAÇÃO

CÃES QUE LADRAM AOS PÁSSAROS
de Leonor Teles
JOGO DE MÃO
de Monique Rutler

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ANTE-ESTREIA

GRAND TOUR
de Miguel Gomes**19 QUINTA-FEIRA**

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ABRIL 50 ANOS – QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

ESCAPE FROM ALCATRAZ
de Don Siegel

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | MONIQUE RUTLER – “ISTO VAI MUDAR!”

VELHOS SÃO OS TRAPÓS
de Monique Rutler

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | RAÚL RUIZ – A IMAGEM ESTILHAÇADA (PARTE III)

MIOTTE VU PAR RAÚL RUIZ
de Raúl Ruiz

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | FILMES DE REALIZADORAS ESCOLHIDAS POR MONIQUE RUTLER

LE MATELAS ALCOOLIQUE
de Alice Guy-Blaché
IL PORTIERE DI NOTTE
de Liliana Cavani**20 SEXTA-FEIRA**

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ABRIL 50 ANOS – QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

ESSENTIAL KILLING
de Jerzy Skolimowski18H00 | SALA LUÍS DE PINA | MONIQUE RUTLER – “ISTO VAI MUDAR!”
CONVERSA SOBRE A OBRA DE MONIQUE RUTLER

18H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | NOS 30 ANOS DA COMISSÃO NACIONAL DE PROTEÇÃO DE DADOS

CITIZENFOUR
de Laura Poitras

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | MONIQUE RUTLER – “ISTO VAI MUDAR!”

A-DA-BEJA
de Monique Rutler
O CÉREBRO
de Cinequipa [Monique Rutler]
NO MUNDO DOS FANTOCHES
de Cinequanon [Monique Rutler]
ASSOA O NARIZ E PORTA-TE BEM
de Monique Rutler

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | FILMES DE REALIZADORAS ESCOLHIDAS POR MONIQUE RUTLER

OVOCE STROMŮ RAJSKÝCH JÍME
“Os Frutos do Paraíso”
de Věra Chytilová**21 SÁBADO**15H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CINEMATECA JÚNIOR
SESSÃO CURTAS: MIÚDOS À SOLTABEPPIE
de Johan van der Keuken
RENTRÉE DES CLASSES
de Jacques Rozier

17H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | MONIQUE RUTLER – “ISTO VAI MUDAR!”

A RECOMPENSA (trailer)
de Arthur Duarte [e Monique Rutler]
FRANCISCA
de Manoel de Oliveira

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | RAÚL RUIZ – A IMAGEM ESTILHAÇADA (PARTE III)

GOLDEN BOAT
de Raúl Ruiz

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O QUEER LISBOA: WILLIAM E. JONES

MORE BRITISH SOUNDS
FILM MONTAGES (FOR PETER ROEHR)
FINISHED
de William E. Jones**23 SEGUNDA-FEIRA**

16H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | FILMES DE REALIZADORAS ESCOLHIDAS POR MONIQUE RUTLER

SUSPENSE
de Lois Weber
STREET CORNER
de Muriel Box

18H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | HISTÓRIAS DO CINEMA: JOHN FORD/TAG GALLAGHER

JOHN FORD: INTRODUCTION
de Tag Gallagher

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | MONIQUE RUTLER – “ISTO VAI MUDAR!”

FREGUESIAS DE LISBOA: S. MAMEDE – DAS AMOREIRAS AO PARQUE MAYER
CARRO DA ESTRELA
de Monique Rutler

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O QUEER LISBOA: WILLIAM E. JONES

FALL INTO RUIN
YOUNGSTOWN / STEEL TOWN
MASSILLON
de William E. Jones**24 TERÇA-FEIRA**

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ABRIL 50 ANOS – QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

NOW
HANOI MARTES 13
HASTA LA VICTORIA SIEMPRE
LBJ
79 PRIMAVERAS
de Santiago Álvarez

18H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | HISTÓRIAS DO CINEMA: JOHN FORD/TAG GALLAGHER

STAGECOACH
de John Ford

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | RAÚL RUIZ – A IMAGEM ESTILHAÇADA (PARTE III)

LE DOMAINE PERDU
de Raúl Ruiz

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O QUEER LISBOA: WILLIAM E. JONES

KILLED
SHOOT DON'T SHOOT
TEAROOM
de William E. Jones**25 QUARTA-FEIRA**

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | FILMES DE REALIZADORAS ESCOLHIDAS POR MONIQUE RUTLER

DESPERATELY SEEKING SUSAN
de Susan Seidelman

18H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | HISTÓRIAS DO CINEMA: JOHN FORD/TAG GALLAGHER

HOW GREEN WAS MY VALLEY
de John Ford

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | ABRIL 50 ANOS – QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

GANGA ZUMBA
de Carlos Diegues

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O QUEER LISBOA: WILLIAM E. JONES

DISCREPANCY
ALL MALE MASH UP
V.O.
de William E. Jones**26 QUINTA-FEIRA**

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | FILMES DE REALIZADORAS ESCOLHIDAS POR MONIQUE RUTLER

LE MATELAS ALCOOLIQUE
de Alice Guy-Blaché
IL PORTIERE DI NOTTE
de Liliana Cavani

18H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | HISTÓRIAS DO CINEMA: JOHN FORD/TAG GALLAGHER

THE LONG GRAY LINE
de John Ford

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | COM A LINHA DE SOMBRA

SMOKE
de Wayne Wang

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O QUEER LISBOA: WILLIAM E. JONES

THE FALL OF COMMUNISM AS SEEN IN GAY PORNOGRAPHY
ACTUAL T.V. PICTURE
PSYCHIC DRIVING
MODEL WORKERS
A GREAT WAY OF LIFE
de William E. Jones**27 SEXTA-FEIRA**

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ABRIL 50 ANOS – QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

VIVA VILLA!
de Jack Conway

18H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | HISTÓRIAS DO CINEMA: JOHN FORD/TAG GALLAGHER

THE MAN WHO SHOT LIBERTY VALANCE
de John Ford

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | FILMES DE REALIZADORAS ESCOLHIDAS POR MONIQUE RUTLER

CARMEN
de Lotte Reiniger
LES CENT ET UNE NUITS DE SIMON CINÉMA
de Agnès Varda21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O QUEER LISBOA: WILLIAM E. JONES
CARTA BRANCA A WILLIAM E. JONES2/60: 48 KÖPFE AUS DEM SZONDI-TEST
de Kurt Kren
RACINE – 1 (1992 – 1999)
de Dietmar Brehm
JELLYFISH SANDWHICH
de Luther Price
SEX GARAGE
de Fred Halsted**28 SÁBADO**

11H00 | SALA DE LEITURA DA BIBLIOTECA | OFICINA | CINEMATECA JÚNIOR

QUANTAS HISTÓRIAS CABEM NO SOM?

15H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CINEMATECA JÚNIOR

THE STRONG MAN
de Frank Capra

17H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ABRIL 50 ANOS – QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

O SEGREDO
de Edgar Feldman
A FUGA
de Luís Filipe Rocha

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | ABRIL 50 ANOS – QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

1860
de Alessandro Blasetti

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O QUEER LISBOA: WILLIAM E. JONES

IS IT REALLY SO STRANGE?
de William E. Jones**30 SEGUNDA-FEIRA**

16H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ABRIL 50 ANOS – QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

PRIMA DELLA RIVOLUZIONE
de Bernardo Bertolucci

18H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | NOS 30 ANOS DA COMISSÃO NACIONAL DE PROTEÇÃO DE DADOS

MINORITY REPORT
de Steven Spielberg

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | ABRIL 50 ANOS – QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

O TRABALHO LIBERTA?
de Edgar Pêra
SORTIE DES USINES LUMIÈRE À LYON
de catálogo Lumière
ON PURGE BÉBÉ
de Jean Renoir

22H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | FILMES DE REALIZADORAS ESCOLHIDAS POR MONIQUE RUTLER

SABATO, DOMENICA E LUNEDÌ
de Lina Wertmüller**PROGRAMA SUJEITO A ALTERAÇÕES**

Preço dos bilhetes: 3,20 euros

Estudantes/Cartão Jovem, Reformados e Pensionistas > 65 anos – 2,15 euros

Amigos da Cinemateca/Estudantes de Cinema – 1,35 euros

Amigos da Cinemateca / marcação de bilhetes: tel. 213 596 262

Horário da bilheteira: Seg./Sábado, 13h30 às 21h30: tel. 213 596 262

Venda online em cinemateca.bol.pt

Informação diária sobre a programação: tel. 213 596 266

Classificação Geral dos Espetáculos: 10AC

Rua Barata Salgueiro, 39 – 1269–059 Lisboa | www.cinemateca.pt

BIBLIOTECA

Segunda-feira/Sexta-feira, 14:00 – 19:30

ESPAÇO 39 DEGRAUS

Livraria LINHA DE SOMBRA | Segunda-feira/Sábado, 14:00 – 22:00 (213 540 021)

Restaurante-Bar, Segunda-feira/Sábado, 12:30 – 01:00

Transportes: Metro: Marquês de Pombal, Avenida

Bus: 736, 744, 709, 711, 732, 745

Disponível estacionamento para bicicletas

VENDA DE BILHETES**BILHETEIRA LOCAL** (ed. Sede – Rua Barata Salgueiro, nº 39)

Segunda a Sexta-feira, 14h30–15h30 e das 17h30–22h | Sábados 14h–21h30

BILHETEIRA ON-LINE www.cinemateca.bol.pt**MODOS DE PAGAMENTO DISPONÍVEIS:** Multibanco (*) – MB Way – Cartão de Crédito – Paypal (**)
(*) O pagamento através de Referência Multibanco tem um custo adicional de 0,50€ para montantes inferiores a 10,00 €. (**) O pagamento através de Paypal tem um custo adicional de 0,40€ para montantes inferiores a 30,00€. A aquisição de bilhetes em www.cinemateca.bol.pt e nos pontos de venda aderentes tem custos de operação associados no valor de 6%, acrescidos de IVA, sobre o valor total da compra.**MAIS INFORMAÇÕES:** https://www.bol.pt/Ajuda/CondiçõesGerais**PONTOS DE VENDA ADERENTES** (consultar lista em https://www.bol.pt/Projecto/PontosVenda)